



Universidade Estadual da Paraíba  
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Departamento de Psicologia

THAÍSSA MACHADO VASCONCELOS

**“DAMAS DE PAUS”: O CORPO TRAVESTI ENTRE A HISTERIA E A  
PERVERSÃO**

Campina Grande – PB  
Junho de 2011

THAÍSSA MACHADO VASCONCELOS

**“DAMAS DE PAUS: O CORPO TRAVESTI ENTRE A HISTERIA E A  
PERVERSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso para  
obtenção do grau de Licenciatura e Formação  
em Psicologia pela Universidade Estadual da  
Paraíba, sob a orientação da Profª Drª Jailma  
Souto Oliveira da Silva, docente do  
Departamento de Psicologia da UEPB.

**Campina Grande  
2011**

V331d Vasconcelos, Thaíssa Machado.

“Damas de paus” [manuscrito]: o corpo travesti entre a histeria e a perversão / Thaíssa Machado Vasconcelos. – 2011.

71 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2011.

“Orientação: Prof. Dra. Jailma Souto Oliveira da Silva, Departamento de Psicologia”.

1. Psicanálise. 2. Sexualidade. 3. Travestismo.  
I.Título.

21. ed. CDD 150.195

THAÍSSA MACHADO VASCONCELOS

**“Damas de paus”: O corpo travesti entre a histeria e a perversão.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Psicologia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de  
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Aprovada em 22/06/2011

Prof.ª Dra.ª Jailma Souto Oliveira da Silva / UEPB  
Orientadora

Prof. Ms. Jorge Dellane da Silva Brito / UEPB  
Examinador

Prof.ª Ms.ª Roseana Cavalcanti da Cunha / UFPB  
Examinadora

*Aos homens que se pintam, que transformam  
seus corpos, que se vestem de mulher...  
Às mulheres.*

## **Agradecimentos**

Este momento, significa para mim, muito além que mais um trabalho acadêmico como tantos outros, que fizeram parte de minha vida nesta Universidade. Este é o último deste ciclo, e que de certa forma abre-me caminhos para outros. Com este trabalho, encerro uma etapa, e com ele ainda abro outras, ainda desconhecidas.

Diante da importância que esse trabalho e este momento têm para mim, gostaria de agradecer à professora Dr<sup>a</sup> Jailma Souto, minha atenciosa orientadora, que ouviu e acolheu o meu desejo e minhas angústias. Lendo atentamente cada linha deste trabalho, trazendo idéias, e visões que não teria se estivesse sozinha. E como diria Newton, “se vi mais longe, foi por estar sobre os ombros de um gigante”, agradeço, por ela ter sido neste momento, este gigante. Um gigante sábio, criativo, inteligente, humilde e sobretudo afável, compreensível e amoroso.

Agradeço de forma especial, aos componentes da banca, que foram escolhidos pela sua importância em minha formação e sobretudo nos caminhos que me levaram a este trabalho. Ao professor Ms. Jorge Dellane, por ter sido através dele, meu primeiro contato com a Psicanálise. Em sua tão maravilhosa e encantadora apresentação, com aulas tão instigantes, o seu compromisso com as aulas, com os alunos e a teoria freudiana. O meu desejo para com a Psicanálise começa a colocar-se para mim, e utilizando-me de um aforismo usado pela minha querida orientadora, costumo dizer que foi a partir deste momento, desta apresentação, que “fui escolhida pela Psicanálise”. Agradeço à Psicanalista e professora Dr<sup>a</sup> Roseana Cavalcanti, por ter sido a primeira a ouvir o meu desejo em relação a este trabalho, ajudando-me no sentido de garimpar material e estruturar as idéias. Agradeço por sua atenção, pelo carinho, ajuda, e escuta, sempre atenciosa.

Sou grata aos demais professores, que fizeram parte dessa história, que fazem parte de minha formação enquanto profissional, e que me prepararam para caminhar de forma segura sem eles. Gostaria de agradecer especialmente à professora Dr<sup>a</sup> Carla de Sant’ana Brandão, que representou

para mim a grande fonte de aprendizagem que tive nesse curso. Sou grata por sua confiança, por tudo que aprendi. Ao professor Dr. Edmundo Gaudêncio, por sua simplicidade e por estar sempre pronto a ajudar. E a Psicanalista e professora Myrna Maracajá por ter participado desse meu investimento, e através dela, eu me aproximar de forma definitiva e apaixonada da Psicanálise, proporcionando-me oportunidades, auxiliando-me em minha busca por material e conhecimentos, que talvez não tivesse acesso sem essa ajuda.

Sou grata aos meus colegas de curso, que se tornaram amigos, que deixaram meus dias mais leves, mais bonitos, fazendo essa caminhada menos árdua. Agradeço também aos meus velhos amigos, que suportaram minha ausência. Obrigada por permanecerem e estarem comigo em todas as situações. Agradeço ao meu namorado, por tantas vezes ter tido que ouvir, interessado e pacientemente sobre este trabalho, por ouvir minhas angústias, por alegrar meus dias.

À minha família (meus avós, tios, primos, irmãos) por tudo. Pelos sorrisos, pelos abraços, apoio e carinho. Agradeço aos meu avôs pelo que me ensinaram com suas histórias e pelo carinho imensurável. Aos meus tios, grandes amigos, e grandes referências em minha vida. Agradeço aos meus primos, pelo carinho e alegria dos reencontros. Aos meus queridos irmãos, eternos companheiros.

Agradeço aos meus pais, por tudo que me proporcionaram. Sei que para poder ser filha do mundo, precisaria antes ser filha deles, para aprender a encarar à vida, a ser forte, a ser justa, a amar. Agradeço, por terem sempre confiado em mim, estando sempre e em todos os momentos comigo, e presentes na minha vida, e por significarem coisas que eu simplesmente não consigo adjetivar.

E fugindo de um lugar comum em “agradecer primeiramente a Deus”, agradecendo à Ele, pela força, pela paciência que a mim foi concedida. Muito Obrigada.

*“...Como se um indivíduo não fosse homem ou mulher,  
mas sempre fosse ambos, simplesmente  
um pouco mais de um do que do outro”  
(Freud, 1933)*



## Resumo

Frente a um corrente discurso psicanalítico do corpo travesti aproximado da perversão, este trabalho amplia a reflexão sobre esse corpo para além do discurso perverso, trazendo ao debate a questão da histeria. É discutida então, a posição do corpo travesti frente à histeria e a perversão, investigando o que diz a Psicanálise sobre a busca incessante do travesti ao corpo feminino. O tema ganha relevância acadêmica, já que os investimentos no campo da Psicanálise, de uma forma específica sobre o sujeito travesti ainda são escassos. Com o objetivo de investigar o corpo travesti à luz da Psicanálise, foi utilizado o filme “Tudo sobre minha mãe”, do espanhol Pedro Almodóvar, para pensar através dos discursos da produção cinematográfica, quando estes se aproximam da questão histórica ou do discurso perverso. O primeiro capítulo faz um breve resgate histórico sobre questões gerais da sexualidade humana. O segundo capítulo se propõe a uma discussão psicanalítica da sexualidade infantil e sua repercussão na vida adulta. O terceiro capítulo questiona o que a Psicanálise pode contribuir para a discussão do corpo travesti. Feito esse inicial percurso teórico, o quarto capítulo analisa recortes do filme fazendo relação com a teoria apresentada provocando reflexões sobre o corpo travesti diante da questão histórica, e/ou do discurso perverso. Do lado da perversão, o travesti aparece como aquele que se propõe a complementar o Outro, o Outro castrado. E na histeria, as possibilidades desse sujeito se colocar enquanto cena, aparecendo diante do Outro como objeto de desejo.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Travesti. Discurso perverso. Histeria. Sexualidade.

## Abstract

In face of a current psychoanalytic discourse of the transvestite body approximate of perversion, this work extends the reflection about this body over and above the perverse discourse, bringing to debate the question of hysteria. Then It is discussed, the position of the transvestite body opposite the hysteria and perversion, investigating what it says Psychoanalysis about incessant pursuit of the transvestite to the female body. The theme becomes relevant academic, since investments in the field of psychoanalysis in a specific way about the transvestite subject are scarce. With the objective to investigate the transvestite body at light of Psychoanalysis, we used the film "*Tudo sobre minha mãe*," the Spaniard Pedro Almodovar, to think through the speeches of cinematographic production, when those approach the question of hysterical or perverse speech. The first chapter gives a brief rescue about general issues of human sexuality. The second chapter proposes a psychoanalytic discussion of infantile sexuality and its consequences in adulthood. The third chapter asks what Psychoanalysis can contribute to the discussion of the body transvestite. Done this initial theoretical route, the fourth chapter analyzes clippings of the film make a link with the presented theory provoking reflections on the question before the body transvestite hysterical, and / or perverse speech. On the side of perversion, the transvestite appears as one who wants to complement the other, the other gelding. And in the hysteria, as possibilities of this subject it put while scene, appearing before the Other as object of desire.

**Keywords:** Psychoanalysis. Transvestite. Speech perverse. Hysteria. Sexuality.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	10
<b>1. Breves considerações históricas sobre a sexualidade</b> .....	14
1.1. O discurso da sexualidade .....	14
1.2. A homossexualidade .....	18
1.3. O ser feminino .....	20
1.4. O travesti .....	22
<b>2. A sexualidade e a Psicanálise</b> .....	25
2.1. A sexualidade infantil .....	25
2.2. O Édipo em Freud e Lacan .....	29
2.3. A bissexualidade .....	35
2.4. As estruturas clínicas .....	36
2.4.1. Histeria .....	39
2.4.2. Perversão .....	40
<b>3. O travesti: a mulher que sabe?</b> .....	44
3.1. O que é o feminino .....	44
3.2. O travesti e o discurso perverso .....	47
3.3. O travesti e a cena histórica .....	50
<b>4. “Tudo sobre minha mãe”: Considerações Psicanalíticas</b> .....	52
4.1. Agrado e Lola: Possíveis análises entre a histeria e perversão .	56
<b>Á guisa de conclusão</b> .....	63
<b>Referências Bibliografias</b> .....	65

## Introdução

Ao longo da história, a sexualidade ganha no meio social, diferentes formas de discurso e de aceitação. Ainda nos dias de hoje encarada como tema tabu, a sexualidade como situa Foucault (1997) começa a se insinuar, enquanto discurso de uma forma mais pública a partir do século XIX. O assunto, que permeava o quarto do casal heterossexual, ganha uma possibilidade maior de se falar de novas orientações (marcando as inúmeras outras expressões da sexualidade que não só a relação hetero), saindo do cômodo privado e atingindo a esfera pública.

A história da sexualidade traz um movimento interessante, de em um primeiro momento uma maior aceitação, como era o caso dos homens primitivos, que viviam uma sexualidade sem pudores (ENGELS, 1995), para momentos seguintes de forte repressão, para chegar novamente em um assunto mais aceito nos meios sociais.

É em meio a um cenário de intensa repressão sexual, que surge o discurso psicanalítico que dá a sexualidade humana uma importância central. Desde o início da Psicanálise, no encontro de Freud com as histéricas, ele começa a sinalizar que os sintomas apresentados por elas, havia ligações muito fortes com a questão sexual. Em suas teorias do trauma, mesmo se tratando de uma polêmica na época, apontava como traumático o encontro do sujeito com o sexual (FREUD, 1895). Instigado pelo relato da clínica e por suas observações, ele começa a considerar que a sexualidade se origina na infância.

No texto *“Três ensaios sobre a teoria de sexualidade”* (1905), Freud passa a teorizar sobre o fato de a sexualidade se fazer presente desde os primeiros anos de vida e não somente após a puberdade, como se concebia antes do discurso psicanalítico. No citado artigo, a sexualidade infantil é apresentada como polimorfa, em virtude de não possuir uma zona erógena específica, mas, por outro lado, a criança obtém satisfação sexual em diversos órgãos. Sexualidade esta que é chamada também de perversa, já que não tem

como finalidade o ato sexual em si. A sexualidade infantil sofreria uma repressão, permanecendo até a puberdade em um estado de latência.

O reflorescimento da sexualidade na puberdade é também discutido no artigo, vista como uma segunda fase da sexualidade humana. Além disso, ele discute também nesse importante trabalho a oposição normal x patológico, ao que se refere às práticas sexuais que de certa forma desviavam-se do que a sexologia da época chamava de “normal” (desvios quanto ao objeto tido socialmente como natural, e quanto o objetivo do ato sexual). Era o que ele chama no texto de “aberrações sexuais” (nomeava dessa forma por uma questão de referência), inserindo-se aí, dentre outras, a homossexualidade, sendo esta tratada por Freud no campo da normalidade (JORGE, 2007)

Na contemporaneidade, o comportamento sexual apresenta-se de formas diversas, e o discurso psicanalítico ainda hoje, questiona e quer saber da sexualidade humana. É o enigma da mulher, que Freud já interrogava, e que deixa a questão em aberto aos pós-freudianos em 1933 que ainda hoje é tema de investigações e interesse psicanalítico. São as diversas orientações sexuais características dos sujeitos do nosso tempo que a Psicanálise continua atenta (é a homossexualidade feminina – já bem discutida por Freud, os transexuais, os travestis, etc.).

Esse trabalho propõe-se a fazer alguns questionamentos em relação a sexualização do nosso tempo, de uma forma mais específica no que concerne ao corpo ambíguo construído pelos travestis<sup>1</sup>. Homens, que transformam seu corpo e aparência para uma versão feminina e que, contrário aos transexuais, não extirpam o pênis, ou seja transformam o corpo em um corpo de mulher, apresentando este com o símbolo fálico. É essa transformação minuciosa, essa busca pela aparência cada vez mais próxima do feminino, que os caracterizam enquanto uma dita categoria social.

Diante do pequeno investimento de pesquisa no campo da Psicanálise sobre o sujeito travesti, justificado muitas vezes pela resistência desses sujeitos à análise, o tema ganha relevância acadêmica, considerando também da escassez de estudos direcionados exclusivamente para a temática. Dos

---

<sup>1</sup> O trabalho refere-se à travestis masculinos.

trabalhos que se colocam de uma forma direta e significativa sobre a discussão, pode-se destacar o psicanalista Joel Dor, que dedica um capítulo ao tema na obra *“Clínica Psicanalítica”* (1996), e algumas inferências sobre a temática na obra *“Estrutura e perversões”* (1991), pensando a questão sob o ponto de vista das perversões.

O travestismo, segundo Kogut (2006), está intimamente ligado ao processo de sexuação do sujeito, de modo que este, recoloca questões gerais no que se refere ao posicionamento do sujeito na partilha dos sexos. Neste sentido, este trabalho além de problematizar a questão da sexualização, procura pensar o tema a partir das estruturas clínicas, em uma tentativa também de ir além das perversões, como delega os trabalhos existentes, chegando também na questão histórica e sua cena. Cabe destacar, que não se trata de uma tentativa de afirmar uma estrutura específica para o travesti, visto que estes, assim como Laurent (2005) fala dos homossexuais, e Ceccarelli (2008) dos transexuais, podem estar estruturados em qualquer das estruturas clínicas, seja a perversão, neurose ou psicose. A questão se coloca, mais do lado de poder refletir sobre esses sujeitos em uma estrutura histórica e perversa, já que é nesta perspectiva (sobretudo aproximando a discussão da perversão) que os atuais estudos tem discutido a temática.

Desde a época da Filosofia e da Medicina grega, (no discurso de Hipócrates, Areteu e outros) até o século XVII a histeria era tida como uma doença tipicamente feminina, sendo por essa razão também a origem de seu nome, já que se trata de uma patologia que vem do útero – *hystera* (JULIEN,2002). Feminino este, que o travesti busca. Entre a histeria e o discurso perverso, quais questionamentos poderiam ser levantados à luz da Psicanálise com relação ao corpo travesti? O que a Psicanálise poderia dizer em relação a essa perseguição incessante dos travestis em buscar o feminino? Trazer o feminino para o corpo de homem?

Assim, este trabalho tem como objetivo, investigar o discurso da histeria e da perversão, associados ou relacionados a recortes do discurso da produção *“Tudo sobre minha mãe”*, do espanhol Pedro Almodóvar (1998). Fazer uma análise, à luz da Psicanálise acerca deste corpo, um corpo

fabricado para o espetáculo, e a relação dessa transformação com o Outro (NARDI; SILVEIRA; SILVA, 2003).

O primeiro capítulo traz um breve resgate histórico de questões centrais sobre a sexualidade humana, o comportamento sexual de uma forma geral e seu lugar de repressão até uma maior liberdade do discurso sexual. Adentra num breve recorte sobre a história da homossexualidade, marcando uma inicial aceitação do comportamento sexual, e a sua posterior posição de estigmatização social que embora de uma forma velada, persista até o nosso tempo. Discute um pouco da história da mulher, chegando enfim à discussões acerca do corpo travestido do travesti.

Concernente a discussão Psicanalítica, o segundo capítulo traça as características da sexualidade infantil e suas implicações na vida adulta. Tema que remete ao Complexo de Édipo e as estruturas clínicas, aproximando-se então das questões da histeria e perversão, onde a discussão ganhará maior ênfase.

Compreendendo que a questão do travesti se coloca bem do lado da questão feminina, de “O que quer uma mulher?”, o terceiro capítulo discute as questões desse saber do gozo feminino, do feminino que o travesti apropria-se. É discutida, hipóteses de se pensar o corpo travesti dentro de uma lógica fálica histórica, bem como por outro lado, quando este corpo pode ser pensado à luz da perversão e sua defesa diante da castração.

O quarto capítulo analisa recortes do filme *“Tudo sobre minha mãe”* fazendo relação com a teoria, buscando nos discursos dos personagens, o que provoca algumas reflexões acerca do corpo travesti para a questão histórica e para o discurso perverso.

À guisa de conclusão serão sintetizadas algumas idéias relevantes sobre a temática, bem como levantados alguns questionamentos para um subsequente aprofundamento sobre o tema em questão.

## **1. Breves considerações históricas sobre a sexualidade**

### *1.1 O discurso da sexualidade*

A sexualidade humana é um assunto complexo, e que por muito tempo tem sido uma discussão envolvida por tabu, como sendo tema pecaminoso, posto no lugar daquilo que deveria ser calado, evitado. O tema manteve-se em silêncio na cultura ocidental até a segunda metade do século XIX (MOTT, 2006). Século de forte importância para a questão, já que, após tanto tempo em que o assunto foi negligenciado, é neste período que a sexualidade, ou melhor, discursos e práticas sexuais, ganham um lugar social mais privilegiado (FOUCAULT, 1997).

É no século XIX que por um lado, apoiada em um ideal médico, (e sem descartar o pensamento religioso), a sexualidade é discutida sob o ponto de vista do modelo higienista. Oriundo da Idade Média, com base no processo saúde-doença coletivo, atrelando a Igreja, e as elites da época, constrói-se um sistema de higiene pública para lidar com problemas sanitários. É incluída nessas, a oferta de cuidados médicos à população menos favorecida, etc. É a partir do século XVII, que o termo “limpo”, começa a adentrar em outros meios significando também distinção, ordem e disciplina. O movimento higienista adota normas de conduta, o que dentre outras, passaram a traçar para a sexualidade humana um comportamento compreendido enquanto “normal”, sendo este portanto, união sexual de homem e mulher, com fins de reprodução (TONIETTE, 2006).

Por outro lado, é nesse período (século XIX), como bem pontua Foucault (1997) que a sexualidade ganha o campo do discurso, insinua-se a sair do quarto do casal heterossexual, e tudo que é da ordem do sexual começa a tornar-se aberto às opiniões. Foucault (1997) aponta uma maior visibilidade das chamadas “heterogeneidades sexuais”, fazendo-se visíveis inúmeras orientações, que aproximam o masculino do feminino em um mesmo sujeito, uma aproximação da mulher e do homem em um mesmo corpo.

O século XX também coloca-se como um período de grande importância para o discurso sobre a sexualidade. Neste período, faz-se necessário um discurso científico sobre o sexo, decorrente das inovações, como é o caso do surgimento da pílula anticoncepcional, novos meios de procriação, e novos



discursos. Com referência a pílula anticoncepcional, Toniette (2006) pontua a marca de uma grande revolução no sentido de promover um distanciamento do que era até então compreendido como natural – a relação sexual para a procriação. A pílula então marca uma reivindicação, principalmente feminina, pelo prazer, assegurando uma certa liberdade sexual.

O distanciamento agora existente entre relação sexual e reprodução, faz surgir também novos meios de procriação. Nasce no século XX o primeiro bebê de proveta, além das barrigas de aluguel, bancos de esperma, etc. Tem-se aí verdadeira revolução sexual, um tempo que marca a busca de possibilidades de se ter prazer sem filhos, sendo possível também ter filhos sem prazer (CECCARELLI, 2002; ROUDINESCO, 2003). Por outro lado, é neste mesmo período que novos limites são impostos à sexualidade, diante da polêmica do surgimento de uma doença que nasce do sexo, a AIDS<sup>2</sup>. E não se pode deixar de situar também o surgimento de discursos de uma outra ordem, como é o caso da Psicanálise.

A Psicanálise traz um discurso com um sentido diferenciado feito pela ciência. É o discurso inovador proposto por Freud, que passa a contradizer as opiniões da época sobre a questão da sexualidade, ampliando as significações do termo, chamando então de sexual, atividades que não necessariamente sejam remetidas aos órgãos genitais (FREUD, 1940). Para a Psicanálise, a sexualidade humana está para além do determinante biológico. É um enigma, uma questão da ordem da linguagem, uma metáfora. É aquilo que de todo modo o sujeito tenta significar, e dar nomes<sup>3</sup> (ANDRÉ, 1994).

O discurso psicanalítico opõe-se a idéia de complementaridade entre homem e mulher. Freud, faz menção nos *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”* (1905) ao mito do Andrógino de Aristófanes, apresentando que, segundo o mito, os seres humanos até então duplos, foram divididos em duas metades (sendo uma parte homem e a outra mulher) que estariam, portanto, agora separados, buscando incessantemente sua metade perdida. Neste

---

<sup>2</sup> SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)

<sup>3</sup> Serge André (1994) atenta para o fato de, na língua francesa ser comum o vários nomes dados aos sexos, como tentativa de significá-lo. Em nossa língua, essa realidade também se coloca, quando podemos observar os diversos nomes dados às questões relacionadas ao sexual, seja sobre os órgãos genitais, ao ato sexual, etc.

sentido, Freud chama a atenção de não necessariamente o objeto sexual de alguns homens ser a mulher, mas sim o homem, e que o objeto de algumas mulheres não ser o homem, mas sim a mulher. O mito, na verdade traz outros desdobramentos, narrando por sua vez a existência original de seres esféricos, e que se compunham de duas partes e de três tipos distintos, podendo ser composta de duas metades masculinas, duas metades femininas, ou seres andróginos tendo uma metade feminina e outra masculina.

Segundo o mito, diante da ousadia dos homens em desafiar Zeus, este partiu-lhes ao meio, a fim de torná-los mais frágeis e humildes, desde então os seres colocam-se à busca dessa metade perdida. Para Aristófanes a escolha do objeto dar-se-ia apoiado em o que cada um teria sido na origem, justificando pois uma escolha homo ou heterossexual, sem deixar de destacar porém, que a própria escolha heterossexual, tem sua gênese na androginia (ROCHA,1999; OLIVEIRA, 2009; JORGE, 2007). É no sentido de questionar essa apresentação simplória e insuficiente, que Freud faz sobre o mito, que Jorge (2007) supõe, que na verdade ele assim o faz, com a finalidade de reforçar a idéia de que a complementaridade entre os sexos assume caráter mítico, lendário.

Em relação ao mito, Lacan (1960-1961) faz referências no Seminário sobre a Transferência, quando trata da questão do amor e da falta de simetria entre os amantes. Ele fala da incompletude dos seres, buscando ilusoriamente essa representação faltante em um outro sob a forma do amor. Para Sampaio e Matos (2006), seria através do amor que o sujeito iria em busca de uma completude. Por outro lado, como aponta Brito e Besset (2008) apoiadas na leitura lacaniana, essa completude coloca-se de forma inatingível, já que o que marca as relações humanas é justamente a dissimetria. Os sujeitos ocupam dessa forma dois lugares distintos, havendo um sujeito (neste caso aquele que ama), e um objeto (o objeto de amor). No que se refere de forma mais pontual aos andróginos, estes não tinham relação sexual, já que colado ao outro estes não buscavam uma união.

Em relação a negativa da complementariedade macho – fêmea, Lacan (1972) traz o famoso aforismo, que marca a inexistência da relação sexual.

Utilizando-se de conceitos matemáticos, diz não ser possível haver “relação” uma vez que a fusão idealizada durante o ato sexual, nunca será compartilhada. Os envolvidos não têm as mesmas sensações, e não as tem ao mesmo tempo, não havendo relação. A relação aponta para uma complementariedade, uma totalidade, que na verdade é inexistente. Dessa forma, para Lacan esse encontro idealizado, essa complementariedade não tem um outro lugar que não seja na mítica de Aristófanes. Ao afirmar que “a relação sexual não existe”, Lacan traz na verdade uma releitura freudiana. Compreendendo, que a sexualidade humana não passa de sucessão de anomalias, que impossibilitam um estabelecimento de um instinto sexual, que una de forma complementar o macho à fêmea, como sintetiza André (1995).

A complementariedade negada, diante também da oposição feita pela Psicanálise entre a sexualidade humana, e a sexualidade animal, onde para a sexualidade humana, não há um objeto dado, fixo, além de ser independente de uma função meramente reprodutora, dando lugar ao “apelo do amor e a necessidade do gozo” (ANDRÉ, 1995). Neste sentido, Freud (1914) passa a fazer uma distinção entre instintos (que se colocam mais do lado animal) e as pulsões sexuais<sup>4</sup>, sendo os instintos inerentes a estímulos biológicos, colocando-se mais ao lado da necessidade. A pulsão por sua vez, trata-se de uma força constante, eliminada pela satisfação, possuindo uma pressão (*Drang*), que se trata de um quantum de excitação, que tende à descarga. Uma finalidade (*Ziel*) relativa a satisfação, mesmo que esta seja sempre parcial. Um objeto (*Objekt*), já que toda pulsão necessita de um objeto para se obter satisfação, e uma fonte (*Quelle*), que se relaciona por sua vez, por processos somáticos, que ocorrem em algum órgão ou parte do corpo. No que concerne a sexualidade do ser humano, e a natureza das pulsões, este objeto é variável, e entre a pulsão e o objeto coloca-se o desejo e a fantasia.

## 1.2. A homossexualidade

---

<sup>4</sup> Neste caso é importante ressaltar os equívocos de traduções da obra Freudiana que chega a equivaler os termos pulsão e instinto.

A homossexualidade por sua vez (ou melhor, a pluralidade da sexualidade, das possibilidades de deslizamentos de objetos e significantes, já que não há o objeto próprio da pulsão e sim objetos substitutos), não deixou de ser, por muito tempo, tratada com um sentido estigmatizante. Entretanto, a homossexualidade, percebida como uma “anomalia própria de alguns degenerados” (ANDRÉ, 1995; p. 117), nem sempre tenha tido esse lugar periférico.

Fazendo um recorte histórico, pode-se destacar a Antiguidade, que a homossexualidade era encarada de uma forma bem contrária ao que ainda temos hoje. A homossexualidade<sup>5</sup> colocava-se como atividade “natural” de aprendizagem do erotismo, não havendo, portanto oposição a relacionamentos com pessoas do mesmo sexo, desde que neste caso, este não assumisse papéis de passividade (FOUCAULT, 2001; ANDRÉ, 1995). Na Grécia antiga a homossexualidade masculina era algo bastante respeitado, e tomava um caráter público, sendo algo exposto nos esportes, na mitologia e na arte, sem contar que tinha uma missão educativa, de transmissão de valores, relações que marcava a passagem dos rapazes para a vida adulta (TONIETTE, 2006; MARQUES, 2008).

A reviravolta da forma da aceitação da homossexualidade, começa a insinuar-se a partir do século XIII, e historiadores e estudiosos pouco tem a dizer, precisamente sobre o motivo da postura moral, a respeito da homossexualidade tenha-se modificado (ANDRÉ, 1995). Entretanto, Toniette (2006) sinaliza como marco a reforma puritanista, e a combinação dos ideais religiosos e do Estado. Não se pode deixar de citar também as influências do surgimento da propriedade privada, e sua relação íntima com o ideal de uma família patriarcal, marcando um ideal heterossexual e reprodutivo.

Até antes da propriedade privada, segundo Engels (1995) os homens viviam em promiscuidade sexual, e a filiação portanto era contada pela linha feminina, já que se tornava difícil saber quem era o pai, assim, as mulheres tinham grande importância social. É diante da atitude do homem passar a acumular riquezas, que ele agora passa a ter uma posição social mais elevada

---

<sup>5</sup> Neste caso a homossexualidade masculina.

que as mulheres. É nesse sentido, diante do acúmulo de riquezas, que aparece a exigência da monogamia, no sentido de assegurar a fidelidade das mulheres e a certeza da paternidade dos filhos. A finalidade dos homens é de procriar, e garantir a paternidade como forma de possuir herdeiros, a quem deixar toda riqueza acumulada.

Essa intolerância frente ao comportamento homossexual, a partir de então começa a aparecer: em primeiro momento nos textos religiosos, onde, segundo Foucault (1997), as práticas homossexuais eram então tratadas, enquanto uma subversão da lei divina. Intolerância esta, que após a separação entre Estado e Religião, coloca-se à mostra agora na visão do Direito, onde pela primeira vez aparece um código civil com a missão de punir os homossexuais, muitas vezes “condenando-os” à morte (ANDRÉ, 1995; ZAMBRANO, 2008). Na metade do século XIX, a questão coloca-se diante do discurso médico, desviando um pouco a questão de um aspecto moral, inaugurando então o assunto em uma discussão patológica, surgindo daí a definição de síndromes do comportamento sexual, e categorias para ele (FOUCAULT, 1997; ZAMBRANO, 2008). Tal intolerância, que mesmo de uma forma velada, persiste até os nossos tempos.

É a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, que começam a surgir os movimentos homossexuais, influenciados pela onda do feminismo, como sinaliza Saggase (2008), em busca dos seus direitos civis, e sair de uma clandestinidade imposta à muito tempo (ADELMAN, 2000). Os homossexuais organizaram-se enquanto minoria, que exige reconhecimento. Hoje diante de tantas conquistas pode-se destacar a atual conquista da união civil e adoção (ANDRADE, 2009).

Na contemporaneidade, a pluralidade sexual que começa a insinuar-se de forma mais incisiva no século XIX como bem situa Foucault (1997), tem se diversificado em grupos, são os travestis, transexuais, hermafroditas, transformistas, *Drag Queens*, etc. Sujeitos, que muitas vezes são confundidos no conhecimento popular, mas que, como acentua Zambrano (2008) distinguem-se muito mais pela forma a qual foram conceituados, do que a diferenças marcantes de suas expressões. Essas novas sexualidades

“transgridem os modelos hierárquicos intransponíveis que a cultura moldou para cada um dos sexos” (SILVA & BILA, 1996).

### 1.3. *O ser feminino*

Ao fazer um levantamento histórico, mesmo que breve, sobre as questões da sexualidade humana, não se pode excluir desse percurso a mulher e os movimentos feministas. Também destacando as conquistas das mulheres em decorrência de suas lutas: a inserção no mercado de trabalho, uma maior liberdade sexual, a maternidade como produção independente, etc.

Além de um ideal heterossexual fortemente marcado ao longo da história, a mulher bem como os homossexuais, assumiam uma posição de opressão (SARDENBERG e COSTA, 1994). Desde a Grécia antiga, como foi relatado, era aceita e idealizada a relação afetiva/sexual entre dois homens, desde que estes não assumissem posturas passivas, ou seja posturas marcadas como femininas (FOUCAULT, 2001).

Simone de Beauvoir (1970) atenta para uma maior atividade masculina (as mulheres se excluíam das lutas, da caça, da pesca), enquanto que a mulher com a missão da maternidade mantinha uma vida mais sedentária. Neste sentido, as mulheres nunca mantiveram uma relação autônoma com os homens, e a sua história foi feita por eles, já que estes “criaram os valores, os costumes, as religiões”.

As lutas femininas à favor de sua emancipação, datam dos séculos XVII e XVIII, quando aparece a Revolução Industrial e o capitalismo começa a delinear-se. É mais precisamente após a Segunda Guerra, que as mulheres sentiram-se obrigadas a buscar trabalho, e quando os combatentes voltam do campo de batalha, encontram as mulheres totalmente adaptadas ao trabalho, e pouco interessadas em abandonar tal conquista. Entretanto, tais reivindicações apenas tomam maiores proporções nas décadas seguintes, em uma luta em prol de uma suposta igualdade entre os sexos, e o surgimento de uma consciência de gênero feminino, foram os chamados “anos loucos”, anos dos movimentos feministas (SARDENBERG e COSTA, 1994; CECCARELLI, 2002).

Ceccarelli (2002) atenta para o fato de que tais movimentos propostos pelas mulheres, promovem um novo discurso social acerca do sexual, um discurso revolucionário, sendo contemporâneo a isto o discurso Psicanalítico. Apesar da exaustiva investigação freudiana sobre o ser feminino, ele conclui na conferência XXXIII (1933), que a mulher é um continente negro, e que “se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência da vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes” (p. 91)

Embora os movimentos feministas, como observa Simone de Beauvoir (1970), tenham sido em si lutas, que se colocavam ainda do lado masculino, a mulher ganha uma maior autonomia econômica, política, social. Ela procura emancipar-se do masculino, para ganhar o poder, o controle, a virilidade, o falo, entretanto, descrevem-se em como os homens a sonham. As mulheres abandonaram parte da feminilidade relativa ao estigma da delicadeza, mas que por outro lado não abrem mão das “homenagens masculinas” (BEAUVOIR, 1967).

As mulheres, na contemporaneidade tem reivindicado para si um lugar mais privilegiado, um espaço social, político, sexual. O surgimento das pílulas anticoncepcionais, e o aprimoramento e esclarecimento de outros métodos contraceptivos certamente colocam-se como uma conquista da mulher, na sua busca pelo prazer desligado da obrigatoriedade da reprodução. Esse acontecimento, do acesso aos meios de planejamento familiar/conhecimento, ampliado sobre o próprio corpo, as discussões de gênero e os meios contraceptivos, que partem do uso exclusivo da mulher, como é o caso das pílulas, é argumentado por Rudinesco (2003) como um direito adquirido por elas pelo seu próprio corpo, diminuindo significativamente uma história de dominação masculina.

#### 1.4. *O travesti*

O termo travestismo foi utilizado pela primeira vez, como lembra Kogut (2006), em 1910 pelo médico alemão Magnus Hirschfeld, para designar os sujeitos que, independentemente de sua escolha sexual, transformam sua aparência e vestem-se com roupas próprias do sexo oposto.

É importante fazer a distinção entre os travestis, transexuais e *Drag Queens*, já que existem entre estes, diversas aproximações no meio popular, entretanto estes se colocam em meios sociais distintos.

Os então denominados transexuais vivenciam um sentimento de inadequação, diante do conflito entre seu sexo biológico e o seu “sexo psicológico”, fazendo com que este sujeito, em questão, busque a adequação desse corpo. Segundo (2008), há uma distância entre a questão anatômica e o que o sujeito sente ser, fazendo com que este, perceba o corpo enquanto disforme, o que o leva a buscar uma adequação do corpo (neste sentido chegando a fazer a cirurgia “corretiva” do sexo). As *Drag Queens* por sua vez, caracterizam-se por uma versão mais cômica. O sujeito se transveste de uma forma exagerada e caricata. Embora haja esse travestismo em determinadas ocasiões, as *drag queens* em seu cotidiano, permanecem vestindo-se como homens (CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004; SILVA, 1993).

Os travestis particularizam-se por também fazer uso de roupas femininas, e submetendo-se a cirurgias, a fim de modificar seu corpo, sem que em nenhum momento, o órgão seja extirpado. Para Ceccarelli (2008), o uso de artifícios para se aproximarem de uma imagem feminina, mesmo mantendo o órgão, coloca-se para o travesti em uma ordem fetichista. Eles não vivenciam o conflito presente nos transexuais de pertecerem ao outro sexo, nem tão pouco pretendem submeter-se à cirurgia, já que para eles, o pênis assume uma importância central, pois o órgão em alguns casos, permite que esse sujeito vivencie a fantasia de mulher fálica.

O travesti indubitavelmente é um dos retratos do sujeito da hipernormatividade<sup>6</sup>, uma das “heterogeneidades sexuais” do nosso tempo, que

---

<sup>6</sup> O termo hipernormatividade é aqui utilizado com base nas reflexões de Lipovetsky (2004), sobre as denominações da época em que vivemos, sobrepondo o termo ao outro bastante utilizado: pós-modernidade, já que não houve uma ruptura da modernidade, dando espaço a um pós, por outro lado, o que aconteceu foi uma exacerbação dos princípios da modernidade, sendo utilizado por ele então o



traz em um mesmo corpo traços femininos em um corpo biológico de homem, ultrapassando no real o que André (1995) chama da delimitação de dois sexos opostos.

O travestismo, segundo Zambrano (2008), caracteriza-se pelo uso de roupas, bem como intensas modificações corporais, a fim de se assemelhar a um sujeito do sexo oposto. Modificações estas, que não incluem a mudança de sexo, e outra questão interessante é de não necessariamente esse sujeito se colocar em uma posição homossexual.

O travesti é aquele que se coloca no lugar da possibilidade de escolha, que opta pelo que se quer ser ou parecer ser. É aquele que constrói de fato o corpo que “deseja”, e em nossos tempos tem essas possibilidades de transformação comercializada – os hormônios, depilação, maquiagem, cirurgias plásticas, etc. (BRAGA, 2007; OLIVEIRA, 1997; DOR, 1994). É este corpo, minuciosamente construído que, segundo as atuais teorias de gênero, sugere os gêneros desses sujeitos.

Segundo as teorias de gênero, este transcende ao determinismo genital, e atualmente diz-se que se define pela aparência da pessoa, sendo então o homem que transforma seu corpo, em um corpo de mulher, pertencente ao gênero feminino (LIMA, 2007). O travesti nesse sentido, coloca-se, no real com características ambíguas bem marcadas, tem-se um corpo de mulher e órgão sexual de homem. Sexo masculino, gênero feminino. Neste sentido, há mais de um século a psicanálise vem também colocando a sexualidade em um lugar distinto das diferenças anatômicas. Freud (1908) diz que nessa perspectiva as considerações anatômicas muito pouco auxiliam, concluindo então que a diferença dos sexos vão para além da materialidade da carne (ANDRÉ, 1994).

Muito tem contribuído para o tema em questão, as teorias de gênero, no sentido de investimentos científicos. Por vezes, essas teorias justificam a existência do pênis no corpo de mulher por uma questão de prazer (prazer sexual, advindo do órgão), ou ainda como meio de trabalho, fortalecendo o estigma da prostituição entre os travestis (OLIVEIRA, 1997). A psicanálise vai

---

termo hipermodernidade.

além dessas possibilidades, trazendo à tona questões como a do desejo, da fantasia, dos sujeitos.

O travesti – ou a travesti como sugere tais teorias – como uma dessas heterogeneidades sexuais, não se coloca de forma mais característica do lado da escolha de objeto sexual. Não é a escolha sexual/afetiva de uma pessoa do mesmo sexo, que o caracteriza, mas de forma mais marcante se diferenciam pela construção de um novo corpo, pela marca impressa neste de um corpo feminino. O travesti busca, antes de tudo, o corpo de mulher, “a” mulher bonita e desejável, o travesti busca alcançar o feminino (NARDI; SILVEIRA; SILVA, 2003, BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2005; ROSOLATO, 2008).

Em um primeiro momento, poderia ser atraente ao deparar-se com o corpo travesti falar de perversão, já que o travesti traz, no real do corpo aquilo que supostamente seria uma negação, uma renegação da castração. O travesti concede no real do corpo um pênis a mulher, entretanto, a questão ambígua marcada por esse corpo pode trazer à tona questões, para além da perversão, chegando até as questões da histeria. O que seria o corpo travesti? Um discurso perverso? Um posicionamento de se colocar como objeto que complementa o Outro, o Outro castrado? Ou uma cena histérica, onde o sujeito se dá como objeto de desejo do Outro? (DERBEZ, 1990)

## **2. A sexualidade e a Psicanálise**

Para a Psicanálise, a sexualidade humana assume lugar privilegiado, e o termo coloca-se de uma forma ampliada, indo para além da questão genital e

do ato sexual em si (FREUD, 1940). É em um cenário de intensa repressão sexual, que Freud traz questões, que chocaram uma época. Uma dessas ousadias certamente seria o fato de criticar com seus trabalhos e descobertas a ignorância acerca da sexualidade infantil.

### *2.1. A sexualidade infantil*

Para Freud (1905), a sexualidade infantil inicia-se apoiada na necessidade de nutrição da criança, desde o seu respirar na vida. Ao primeiro choro, sinal de primeiro “mal estar”, a mãe tenta acalmar, preenchendo com alimento, o “seio” materno, que além de alimentar, libidiniza o corpo do pequeno “infans”. A sexualidade das crianças coloca-se para Freud de uma forma peculiar por ser auto erótica, ou seja, a criança encontra no seu próprio corpo sua satisfação sexual. Uma outra característica, seria a fixação em zonas erógenas<sup>7</sup> umas, predestinadas (como é o caso da mucosa oral), e outras formadas individualmente, já que qualquer outra parte da pele ou mucosa pode servir como zona erógena, mesmo que esta região, não seja uma zona erógena predestinada.

Com relação às zonas erógenas, Freud (1905) pontua que a criança, ao alimentar-se, obtém simultaneamente na mucosa oral intensa sensação prazerosa. Os movimentos de sucção da criança no seio materno, proporcionam-lhe tanto prazer, que esta, depois de nutrir-se, procura essa sensação experimentada muitas vezes em seu próprio corpo, em busca de uma sensação experienciada, e não mais do alimento. Essa primeira fase da vida sexual das crianças, é nomeada por Freud de fase oral.

Assim como a zona oral, a zona anal também media um apoio da sexualidade em suas funções, já que possui grande excitabilidade. Pode-se dizer, que a fase anal é contemporânea à tirada das fraudas, quando a criança obtém certo controle dos esfíncteres. O ato de reter e soltar as fezes trazem para a criança sensações também prazerosas.

---

<sup>7</sup> Refere-se a determinadas regiões da pele ou mucosa, em que a estimulação provoca sensações de prazer (FREUD, 1905).

Freud (1905) observa também a excitação precoce dos genitais, fazendo deles mais uma zona erógena descoberta na infância. As sensações de prazer, tanto nos meninos quanto nas meninas, iniciariam-se apoiadas na micção, estando a região exposta à excitação, como é o caso da higienização do órgão feita pelos adultos por exemplo, e que podem ser experimentadas pela criança desde a fase da amamentação. Por volta do quarto ano de vida, há uma breve florescência da atividade sexual, onde os genitais passam a ocupar uma importância primordial no interesse da criança, sendo sobretudo mais influente nos meninos.

Esta fase de maior atenção ao genital é chamada de fase fálica. O desenvolvimento sexual das crianças avança até esta fase, onde o órgão genital assume maior importância (FREUD, 1924). Após esta fase, a criança vive um momento de latência de sua sexualidade, originada diante da fantasia de castração (LACAN, 1984), momento onde seu interesse volta-se a outras coisas, havendo então afastamento do auto erotismo e um investimento em outras atividades, sendo um momento, como lembra Lacan (1984) favorável às aquisições educativas. Os genitais só se colocam como zona erógena principal na puberdade, quando há uma reedição edípica.

Muito embora Freud faça uma distinção entre as fases, ele chama a atenção ao fato de que elas não se sucedem de forma fixa, e separada como pode-se pensar, nem tão pouco correspondem a uma idade cronológica. Na verdade, as fases podem uma antecipar as outras, ou se sobreporem, e acontecerem juntas, sem que haja uma divisão clara (FREUD, 1940), bem como, podem permanecer na vida adulta postulada no que há de infantil na sexualidade, mesmo depois da puberdade.

A sexualidade infantil é caracterizada como perversa/polimorfa. Perversa no sentido de o seu objetivo não ser o coito; a atividade sexual na criança assume um caráter como já mencionado anteriormente, auto-erótico e masturbatório. Polimorfa em virtude as distintas zonas erógenas em seu próprio corpo, que a criança experimenta satisfação sexual, em pulsões parciais. Cabe destacar portanto, que essa natureza da sexualidade infantil não necessariamente culmina em uma estrutura perversa (FREUD, 1905).

Em 1905, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud fala um pouco do que ele chamaria de “aberrações sexuais”, que por um lado, no adulto, tratando-se de comportamentos tipicamente perversos, são coisas inerentes da sexualidade na infância. Essas aberrações sexuais é o nome dado a toda e qualquer prática sexual, que de alguma maneira se desviasse do dito “normal”. Seria o comportamento sexual que se coloca de forma diferente, ao que se refere ao objeto sexual (ao objeto de escolha do sujeito, sendo neste caso, um sujeito do mesmo sexo, ou ainda no caso da criança uma parte de seu próprio corpo, em atitudes auto eróticas), e ainda práticas que se desviassem do alvo sexual esperado, que seria o coito. Esses desvios são descritos também na paralisação em relações intermediárias, e transgressões anatômicas, onde o sujeito passa a renunciar o ato sexual em virtude de uma fetichização de partes do corpo do parceiro (VALAS,1990), como já dito também, não é o coito a finalidade da sexualidade infantil.

A fase fálica, merece pela criança, uma especial atenção, prioritariamente nos meninos, que possuem o representante fálico simbólico no corpo – o pênis (FREUD, 1909). Para eles, o pênis coloca-se como a principal zona erógena, e em um primeiro momento, não conseguem imaginar alguém, que seja desprovido do órgão, fazendo do pênis algo comum a todas as pessoas, não havendo assim um reconhecimento das diferenças sexuais (FREUD,1908). No que se refere às meninas, ainda em 1908, Freud afirma que no caso delas o clitóris age como órgão homólogo ao pênis, e a excitação do órgão, confere à menina um caráter tipicamente masculino. Frente a um órgão ao qual a criança experimenta prazer, é comum ela iniciar pesquisas sobre o órgão, e outras questões de ordem sexual – como “De onde vem os bebês?”- e a prática da masturbação.

Ainda em 1908, Freud expõe alguns resultados das investigações infantis em relação aos genitais, fazendo-o concluir então a existência de apenas um sexo (em virtude do pênis), que estaria sempre presente, no caso das meninas, de uma forma não desenvolvida (ANDRÉ, 1994). Os meninos não conseguem ai, supor a possibilidade de falta do órgão. Ao deparar-se com o órgão feminino, eles pensariam, então que este é pequeno, mas que crescerá, ou então percebem os genitais femininos como órgãos mutilados,

dando então importância a possíveis ameaças de castração por ventura sofridas anteriormente, e que até então não haviam amedrontado.

Não menos diferente, no caso das meninas, ao deparar-se com o sexo dos meninos, sentem-se em uma desvantagem. Deste modo, Freud passa a considerar para ambos os sexos, a idéia de universalidade do pênis (GORSKI, 2000). Neste sentido, Freud aponta para os meninos o temor da castração, e em relação às meninas a inveja do pênis.

Freud elabora um pouco mais a questão da sexualidade infantil, trazendo em “A organização genital infantil” (1923), a retomada de idéias defendidas nos “Três ensaios” (1905), bem como um retorno ao que diz em 1908 “Sobre as teorias sexuais das crianças”. Freud já não se convence de que haja uma primazia incompleta dos genitais, e que este na verdade, assume um significado dominante. É neste texto (A organização genital infantil), que aparece pela primeira vez a utilização do termo “falo”. Freud abandona de certa forma a idéia de universalidade do pênis, trazendo então o “primado do falo”.

Os meninos percebem, que existem diferenças entre eles e as meninas, entretanto essas diferenças não são atribuídas a distinções sexuais. Diante das pesquisas das crianças sobre o pênis, os meninos chegam à questão de que nem todo mundo possui o órgão. Nesse texto, volta a aparecer em um primeiro momento a rejeição da idéia de falta de pênis na menina. A criança acredita porém, que este é pequeno, mas que se desenvolverá, e só posteriormente é que esta falta é percebida enquanto castração. A castração é vista como punição, onde apenas crianças desprezíveis do sexo feminino, que não possuem o pênis, as mulheres respeitadas por ele, “tem o órgão”, como é o caso da mãe por exemplo, mulher que para a criança permanece sendo dotada do falo.

As dificuldades de compreensão das crianças diante do assunto se explicam pela até então falta de informações necessárias, para o entendimento correto. Falta por parte das crianças o reconhecimento da vagina (em virtude a essa primazia do falo, onde o sexo feminino é visto como a ausência do falo, a castração), bem como há o desconhecimento do sêmen, sendo somente na

puberdade, após certo tempo de latência, que as crianças então passam a familiarizar-se mais com assuntos sexuais (FREUD, 1908).

A diferença fundamental do pensamento Freudiano acerca da vida sexual das crianças, coloca-se no sentido, de em 1923 ele admitir que há na criança uma constatação da falta. É esta falta que o sujeito encobre, tornando essa noção mais inteligível com a idéia de falo, sendo este, o que ordena a sexualidade infantil. Para além de uma universalidade do pênis, o sujeito estabelece, segundo Lacan (1958) uma relação com o falo, o que faz com que haja uma desconsideração da distinção anatômica dos sexos. A falta do pênis nas mulheres então, é reconhecida enquanto falo, enquanto ausência fálica, mas não enquanto sexo feminino (ANDRÉ, 1994). Havendo apenas um sexo (agora falando-se sobre falo), com duas formas de manifestação deste, a presença ou ausência do falo, sendo portanto neste sentido, que Freud fala na existência apenas da masculinidade (FREUD, 1923; ANDRÉ, 1994).

## 2.2. *O Édipo em Freud e Lacan*

Para a Psicanálise, o complexo de Édipo tem importância central na subjetivação do sujeito, sendo um fenômeno importante da sexualidade na primeira infância. É a “resolução” do conflito edipiano, que inaugura no sujeito, através do complexo de castração, seu lugar enquanto sujeito desejante (FREUD, 1924; CECCARELLI, 2002).

O Édipo freudiano, em um sentido amplo, traduz de uma forma mais pontual, a dependência da proibição do incesto, sendo esta a idéia freudiana sobre o complexo, que se insinua, como demarca Miguelez (2007) desde as correspondências de Freud com Fliess. Hoje, entre os pós-freudianos, tem-se diferentes variantes desse modelo, em decorrência da não existência do pai como descrevia Freud (violento, castrador) e que marcava o patriarcado em evidência em seu tempo. Essas diferenças bem marcadas já foram apresentadas por Lacan, que mostra, que essas não são as características do pai de hoje.

Lacan questiona o Édipo freudiano, apresentando uma falência do significante Nome-do-Pai, que no pensamento freudiano organizava a lei da interdição. Esse significante agora, mostra-se frágil, fazendo-se necessária uma pluralização do termo - Nomes-do-Pai (MIGUELEZ, 2007). O Édipo para Lacan, já não tem mais sozinho as mesmas configurações que Freud apontava, e Lacan inaugura em relação ao pai no Édipo, a tripla distinção do simbólico, do imaginário e do real (JULIEN, 2002), sendo que esses três nomes refere-se ao que acontece com o pai nos três tempos do Édipo<sup>8</sup>.

O desenvolvimento sexual da criança avança até a fase fálica, onde os genitais assumem a principal fonte de obtenção de prazer. Sendo contemporânea a chamada fase fálica acontece o Complexo de Édipo, que marca uma repressão dessa sexualidade, sendo seguida portanto por um período de latência (FREUD, 1924).

O Complexo de Édipo, inspirado no mito grego<sup>9</sup>, trata-se de um apaixonamento natural a todas as crianças nessa fase do desenvolvimento psicosexual pelo genitor do sexo oposto (em um momento inicial a mãe como primeiro objeto de amor), e uma atitude de hostilidade para com o genitor do outro sexo. As pulsões sexuais investidas em um dos pais garante a base do complexo de Édipo, e a frustração desse desejo, realizada por um terceiro que se coloca como obstáculo a realização de seu desejo, marca um nó (LACAN, 1984).

O complexo de castração, inerente do Édipo, para Freud, acontece em dois momentos: um primeiro onde existem ameaças de castração diante da masturbação infantil, e um segundo momento, onde tal ameaça fará enfim

---

<sup>8</sup> Segundo Julien (2002) Lacan insere no Édipo proposto por Freud um tempo que o precede e outro que lhe sucede.

<sup>9</sup> Tragédia clássica da filosofia, onde o rei da cidade de Tebas (Laio), casado com Jocasta ao consultar o oráculo é advertido a não ter filhos, pois este lhe mataria e casaria com a mãe. Laio e Jocasta tem um filho, que é abandonado, de modo que garantisse que este morresse. Édipo (o filho do casal) é encontrado por pastores. Édipo vai ao oráculo saber do seu destino e lhe é revelado que irá matar o pai e casar com sua mãe. Diante de tal previsão, Édipo foge de Corinto, localidade onde foi criado em direção a Tebas. Ele desobedece ordens do rei Laio, lutando com ele até matá-lo, sem saber que este era seu pai, e prossegue sua viagem. Em Tebas, Édipo decifra o mistério da esfinge e este é saudado em Tebas como o novo rei, tendo Jocasta como esposa. Ao saber que estava casado com sua mãe e que houvera matado o pai, Édipo fura seus olhos.



efeito, diante da descoberta de ausência de pênis na mulher, e sobretudo na mãe (QUINET, 2009), como será mais detalhadamente exposto.

Neste momento de intenso interesse pelo representante fálico, é comum que a criança freqüentemente busque manipular o órgão (ações que se tornam mais evidentes nos meninos, embora nas meninas, o clitóris assuma essa posição). A criança chega a perceber, que a ação tão prazerosa não agrada aos adultos, sendo comum nesta fase haver a ameaça de o órgão o qual tanto estima lhe seja tirado (FREUD, 1909; 1924). Essa ameaça de castração inicial tem pouca importância para a criança que ainda não se deparou com o “outro sexo”, já que a criança, em sua teoria sexual, atribui o pênis a todos os seres, não existindo aquele que não o possua.

É ao deparar-se com o órgão sexual da menina, que a ameaça de castração efetiva-se, sendo um marco do Complexo de Édipo. É por meio da ameaça de castração, que os meninos saem do Édipo, em uma tentativa de proteger o órgão de tanta estima, e através dele que as meninas entram no conflito edipiano, já que para elas, a castração é um fato consumado (FREUD, 1924; JULIEN, 2002; RECALDE, 2008).

Assim, Freud (1924) considera uma fase primitiva, onde a criança vive com a mãe uma relação fusional, a quem dirige seus primeiros impulsos libidinais (tanto os meninos quanto as meninas). Nessa fase, as crianças ainda não têm conhecimento da distinção sexual.

No caso dos meninos, que de forma mais clara coloca-se o amor, por um dos pais, e simultaneamente, a hostilidade para com o outro (FREUD, 1931). Esse amor, direcionado inicialmente à mãe sofre uma interdição de um terceiro, a interdição paterna (responsável pela hostilidade do menino), que seria uma proibição do incesto, a marca da lei. Essa proibição ao amor da mãe coloca-se de forma, que revele essa mãe como faltante, incompleta. Como o período edipiano coincide com a fase fálica, nesse momento o menino está às voltas com o prazer obtido no pênis, fazendo da masturbação uma prática recorrente. Prática percebida como algo que não é aprovado pelos adultos.

Quando o menino descobre a diferença sexual, sobretudo sob a descoberta pela criança da ausência de pênis na mãe (QUINET, 2009), que as possíveis ameaças de castração sofridas diante do ato masturbatório começam a ter uma significação maior, e a amedrontá-lo. A castração para ele se colocaria enquanto castigo diante de seus desejos incestuosos (sendo esses acontecimentos no plano fantasístico). É pelo temor da castração, que o menino abre mão do seu instinto libidinal (o amor da mãe) a favor de um narcisismo, do seu instinto do ego (a preservação do pênis), promovendo agora uma identificação com a figura paterna, como meio de não perder o órgão, tendo portanto após isto uma restrição de sua sexualidade infantil (FREUD, 1909; 1914b; 1923; 1924; 1931).

Na menina, a angústia de castração antecipa o Édipo. Assim como para os meninos, para elas também há um desconhecimento da vagina. A sexualidade das meninas é também de uma ordem fálica – sendo o clitóris a principal zona erógena (FREUD, 1933), havendo para os dois sexos até esta fase um desconhecimento da vagina (LACAN 1958). No caso delas, o objeto de amor inicial também é a mãe, e é a partir da percepção do órgão masculino, que a faz sentir-se diante deles em desvantagem. Elas não compreendem por sua vez, que a falta de pênis é comum a todas as meninas, mas que este fora perdido por castração (1924).

A menina passa então a ter, o que Freud chama de uma inveja do pênis, acarretando um certo afrouxamento de sua relação com a mãe (geralmente diante da constatação de que esta também é castrada), passando a culpar a mãe por tê-la feito de forma inferior. Neste sentido, diante de uma decepção diante do objeto de amor, a menina faz um percurso diferente dos meninos no sentido de troca de objeto. O desejo das meninas passa a voltar-se para o pai, vendo neste uma forma de obter o pênis, desejo este, substituído pelo desejo de ter um filho do pai.

A saída do Édipo das meninas é algo bem mais complexo, fazendo Freud concluir que não haja uma razão, para que ela o abandone, sendo este abandono por sua vez tardio e incompleto. No caso delas, pode-se pensar que

elas simplesmente desistem, ou fantasiam a possibilidade de ter um filho do pai (FREUD, 1925;1933).

De forma geral, a resolução do Édipo freudiano aponta para a atitude de voltar-se para o pai, já que este é preferido pela mãe, e este amor é pedido, quando se dirige para o pai. Quanto à dinâmica dos meninos, identificando-se com o pai, ele pretende receber deste as referências de virilidade, e para as meninas, o desejo de receber de um homem, que tome o lugar de pai, o falo de que ela não possui, respondendo a equivalência: falo/bebê (JULIEN, 2002). Neste sentido, pode-se observar, que a saída feminina seria então a maternidade.

De uma forma geral e em resumo, tanto meninos quanto meninas vivenciam nesta relação edipiana um reconhecimento da castração, um reconhecimento da falta, sobretudo na mãe, fazendo com que esta falta se inscreva em si próprio, como aponta Gorski (2000). Como herdeiro do declínio do Édipo, há o surgimento do supereu (LACAN, 1984). O Édipo é resolvido, e diante dessa interdição, da marca da lei há o surgimento do supereu, como formação reativa contra esse complexo, sendo o supereu então a instância que faz surgir a censura, a moral, a ética (MIGUELEZ, 2007).

Lacan, fazendo uma releitura de Freud traz diversos avanços no que se refere à relação edipiana e suas conseqüências psíquicas. Antes de adentrar mais especificamente no Édipo, Lacan (1984) fala de alguns complexos familiares, aos quais o Complexo de Édipo se encontra incluso, que são responsáveis pela organização do desenvolvimento psíquico do sujeito. Esses complexos citados, são o Complexo de desmame (relacionando-se à questões mais primitivas da alimentação, fazendo uma fixação na Imago materna); o Complexo de intrusão (que marca uma identificação com algo que se interpõe na relação com a mãe, como é o caso do nascimento de um irmão) e enfim o Complexo de Édipo que Lacan passa a teorizá-lo em três tempos.

No primeiro momento do Complexo de Édipo, Lacan (1957-1958) mostra uma relação mãe-criança de forma simbiótica, onde esta criança funciona para a mãe como um “objeto tampão”. A criança é portanto o objeto de desejo da mãe, se coloca na relação como o falo desta. Neste momento, a mãe é para a

criança o Outro absoluto (QUINET, 2009). Quinet (2009) localiza nessa relação três elementos: a criança, a mãe e o falo, sendo criança e falo elementos equivalentes. Neste sentido, a criança coloca-se como objeto que supõe faltar a mãe, buscando portanto satisfazê-la, vivendo a dialética de “ser ou não ser o falo” (GORSKI, 2000).

Neste momento do Édipo também Lacan chama a atenção ao estádio do espelho, onde a criança realiza uma formação do eu, por meio da imagem do Outro, pela identificação com este Outro. O primeiro momento do Édipo é marcado o registro Imaginário do sujeito (QUINET, 2009). É neste primeiro momento que se estrutura o campo das psicoses. O sujeito não vive os outros momentos, e permanece na dialética de ser ou não ser o falo, colando na vertente imaginária de ser, ficando em um circuito fusional, atrelado ao desejo da mãe.

O segundo momento do Édipo, trata-se do Édipo freudiano propriamente dito (JULIEN, 2002) e é marcado pela ausência da mãe, quando esta em seu discurso introduz um terceiro, que transpõe o desejo da mãe para um outro lugar (QUINET, 2009). A posição de falta materna inaugura na criança uma incerteza psíquica, havendo portanto a inserção do pai, ou melhor dizendo, da metáfora do Nome-do-Pai, que se coloca como uma lei de interdição da integração criança-mãe (LACAN, 1957-1958). Quinet (2009) lembra que o Nome-do-Pai é na verdade um pai simbólico<sup>10</sup>, podendo responder por tudo aquilo, que promova à falta da mãe.

É no segundo tempo do Édipo, sobretudo após a intervenção “paterna”, que a criança tendo lhe sido negado as possibilidades de ser o falo, insere-se na angústia de castração. A castração simbólica compreendida enquanto falta; falta que promove a entrada do sujeito na ordem do simbólico, inaugura um sujeito desejante, bem como a dialética de ter ou não ter o falo (QUINET, 2009; GORSKI, 2000).

O terceiro tempo do Édipo é o momento em que o complexo chega a sua resolução e declínio, momento onde o significante Nome-do-Pai no Outro

---

<sup>10</sup> Lembrando que, mesmo considerando o pai como uma instância simbólica, como uma função, mais tarde, Lacan irá sinalizar a importância do pai real

marca a entrada do sujeito na ordem simbólica, inaugurando assim a cadeia significante. O menino abre mão da rivalidade fálica com o pai, fazendo a devida simbolização da lei (QUINET, 2009; GORSKI, 2000). Chegando a este momento do Édipo, os meninos abandonam a idéia de ser o falo procurando agora meios de possuí-lo, e para isso servindo-se de uma identificação com o pai. No caso das meninas, que se situam do lado daqueles, que não tem o falo, identifica-se a mãe, sabendo onde busca-lo, sendo portanto ligado a figura paterna (GORSKI, 2000).

O Édipo é, na leitura Lacaniana, como bem sintetiza Quinet (2009), o preço pago pelo sujeito para adentrar no campo da linguagem. Marca a obrigatoriedade que, de uma forma ou de outra, o sujeito se a ver com a falta, com a castração simbólica e o recalque herdeiro da resolução do conflito edipiano.

### *2.3. A bissexualidade*

Segundo Serge André (1994) o termo bissexualidade representa na obra freudiana o significante original. O conceito, dentro da obra passa por evoluções, chegando até as idéias de atividade e passividade em um mesmo sujeito. Jorge (2007) por sua vez, lembra que o termo é tratado por Freud, desde suas correspondências com Fliess, até o final de sua obra.

Desde 1905, nos *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”*, Freud chama a atenção, para uma certa bissexualidade presente no humano. Em um primeiro momento, ele cita o caso dos hermafroditas, que combinam no campo anatômico das genitálias caracteres masculinos e femininos simultaneamente, podendo em alguns casos, os dois tipos de aparelho sexual coexistirem de forma plenamente desenvolvidas, ou seja, é a bissexualidade na realidade do corpo orgânico. Com a apresentação desses casos, Freud argumenta, que mesmo em casos em que não há o hermafroditismo anatômico, há a existência sempre presente de um hermafroditismo psíquico, já que, em todo individuo de conformação “normal”, há vestígios do aparelho do sexo oposto, muito embora de forma atrofiada.

Neste sentido, ele reafirma em 1933, no artigo *“Feminilidade”* que parte do aparelho sexual masculino, também aparece no corpo da mulher, mesmo que de forma menos desenvolvida ou atrofiada. Esta premissa é válida também no corpo do homem, que possui partes do aparelho sexual feminino.

Em *“Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade”* (1908b), Freud chama a atenção, para uma natureza inata da bissexualidade no homem. Em uma proximidade com a questão histérica, ele cita o exemplo da masturbação, onde o sujeito procura no ato, experimentar tanto as sensações de um homem (no que se refere à atividade), quanto de uma mulher (pasividade).

Ainda sobre um caráter bissexual presente na sexualidade humana, pode-se apontar a questão de que a sexualidade da menina é também uma sexualidade masculina, já que se coloca em função do clitóris e portanto em uma posição meramente fálica (1908). É neste sentido, que Freud (1931) conclui a existência de apenas uma libido, que, mesmo possuindo dois objetivos – um passivo e outro ativo - trata-se de uma libido masculina.

#### 2.4. As estruturas clínicas

As estruturas clínicas, para Freud culminam do resultado da passagem do sujeito pelo Complexo de Édipo e conseqüentemente de como este se organiza diante da castração e do gozo, como acrescenta Lacan (ANDRÉ, 1995).

Para Freud (1924), como já discutido sobre o conflito edipiano, a criança vive com a mãe nos primeiros anos de vida uma relação simbiótica, e de certo apaixonamento. É nesse cenário, que o pai se coloca cortando essa relação e inserindo na criança a angústia de castração (LACAN, 1966). O menino, para preservar o órgão que tanto estima desiste da mãe; as meninas, mudam de objeto diante de seu desapontamento com a mãe, voltando-se para o pai. É o temor da castração, que faz o menino abandonar o Édipo, e através da percepção da castração que a menina se inicia no conflito. Cabe destacar que essa intervenção paterna precisa ser permitida, e apontada pela mãe, caso

isso não ocorra, o sujeito não consegue temer a esse pai, organizando-se em uma lei (LACAN, 1949; LAURENT, 2007).

O pai segundo Lacan (1957), a partir do segundo tempo do Édipo, é que desloca o significante fálico que até então pertencera à mãe para ele. O falo, que agora falta a mãe, é desejado por ela, que a partir de então se apresenta enquanto faltosa. É diante dessa percepção da falta na mãe que o complexo de castração tem para Lacan (1958) uma função de nó na estruturação do sintoma, instalando o sujeito em uma posição inconsciente, a saber, as neuroses, psicoses ou perversão.

No que se refere as psicoses, o sujeito não consegue ultrapassar o primeiro momento do Édipo discutido por Lacan. O psicótico permanece, como no primeiro tempo, no lugar de objeto de gozo do Outro, o Outro absoluto, onde a criança permanece presa a identificação ao falo imaginário da mãe. É só pela inserção da metáfora paterna, que a criança sai da posição de objeto de gozo do Outro, onde o Nome-do-Pai, passa a significar esse desejo (QUINET, 2009).

No caso das neuroses e perversão, o sujeito vivencia o Édipo até o seu terceiro momento, saindo de uma relação meramente imaginária, inserindo-se no campo do simbólico através da metáfora paterna (LACAN, 1957) organizando-se porém, diante da castração de formas bem diferenciadas.

No que se refere às neuroses, pode-se afirmar que a problemática da Neurose obsessiva instala-se no segundo tempo do Édipo, circunscrito ainda dentro da dialética “Sou ou não sou o falo”. Na Neurose Obsessiva, acontece a inserção do significante Nome-do-Pai, a mãe consegue inserir um terceiro, entretanto, este é apontado pelo discurso dessa mãe como insatisfatório. Isto faz com que a criança coloque-se fantasisticamente, como aquele que pode suprir esta falta, aquele ao qual a mãe poderá encontrar o que não encontrou no pai.

O terceiro momento do Édipo é marcado pelo convencimento por parte da criança, de que não é o falo da mãe, fazendo uma passagem mais marcada do *ser*, para o *ter* o falo. O pai aparece, como aquele que tem o falo, colocando para a criança a idéia de que ela nem tem, nem é o falo. É neste cenário, que a

histeria coloca-se como uma reivindicação ao direito de ter o falo; falo este possuído pelo pai, já que este o privou da mãe (DOR, 1994).

Em relação à estrutura perversa, o sujeito posiciona-se diante da castração, de uma forma diferenciada do neurótico. Diante da trama edípica, o ponto de partida da estrutura dá-se na noção fálica da mãe. Ao contrário dos neuróticos, que bem ou mal, aceitam a castração, mantendo ainda uma nostalgia sintomática diante da perda sofrida. O perverso, mesmo se dando conta da castração, passa a transgredí-la. Tem como pontos importantes nessa estrutura, a intensidade da angústia de castração, e a criação de processos defensivos para contorná-la, como é caso do desmentido bem representada no fetichismo, por exemplo. A criança percebe que a mãe é um ser faltante, e passa a doar-se a esta como o falo. O perverso não abre mão nem de ser, nem tão pouco de ter o falo (DOR, 1994, JULIEN, 2002).

Nas psicoses há a forclusão<sup>11</sup> do Nome-do-Pai, com relação à castração, o sujeito reconstrói essa realidade, ele recusa e procura substituí-la. Nos neuróticos, frente a castração, há o recalque. O sujeito evita a castração como meio de fuga da angústia, o neurótico não recusa a realidade, entretanto ele não quer saber nada sobre isso. Referindo-se as perversões, há o desmentido, um mecanismo que vai além da negação, ele reconhece a castração, mas a transgride, nega, vela, aparecendo o famoso dito “Sei, mas mesmo assim...”. Cabe destacar, que para os neuróticos o que está em questão é o Outro, para os perversos o falo, e para o psicótico, o corpo todo.

Após uma breve apresentação da importância do conflito edípico, e como através dele o sujeito se estrutura, será mais aprofundado as questões da histeria e da perversão. Em uma tentativa de discutir a questão do travesti quando esta possa se situar na histeria, e na perversão. Compreende-se a impossibilidade de se falar em uma estrutura fechada, situando o travesti em uma ou em outra, mas pensando como esta questão, se coloca quando se pode falar em histeria, ou perversão.

---

<sup>11</sup> Termo utilizado por Lacan, trazido do discurso jurídico para designar algo que não foi inscrito.



### 2.4.1. A Histeria

A histeria é a clínica fundadora da Psicanálise. É através das histéricas, que Freud funda os pilares da Psicanálise como clínica do Inconsciente. Além do discurso da Psicanálise, na atualidade fazer com a histeria como afirma Nasio (1991) ainda uma parceria indissociável, pois o pensamento e técnica psicanalíticos estão intimamente ligados ao tratamento do sofrimento histérico<sup>12</sup>.

No que se refere ao conflito edipiano do sujeito que se posiciona diante do desejo e do gozo de uma forma histérica, a função paterna consegue ser estabelecida. O “pai” coloca-se diante do sujeito, enquanto aquele que possui o falo, fazendo da grande questão histérica essa reivindicação ao falo, que ele não teve direito. Dor (1994) diz que os histéricos se inscrevem na lógica de ter ou não ter o falo, sendo então os histéricos, para o autor, militantes do ter.

Especificamente no menino, diante da visão do órgão feminino (sobretudo quando este se coloca no corpo da mãe), este é percebido como corpo privado do pênis, e a marca desta ausência o angustia pela possibilidade de ele também passar por tal castração – fantasia esta, que também se encontra nas meninas e que para Nasio (1991), esta é o que se coloca na base da histeria.

Originada a angústia de castração, diante da ameaça proferida pelo pai somada a sua constatação visual do corpo nu materno. A questão histérica, portanto, se coloca em torno de tal fantasia, do horror diante de tal fato (a castração do Outro), e no caso dos meninos, o temor de que por algum motivo, seja igualmente castrado (NASIO, 1991). Essa dinâmica, entre ter ou não ter o falo que baliza a questão histérica (DOR, 1994), destacando que o pênis é apenas uma representação simbólica do falo.

Com relação aos traços histéricos, pode-se dizer que este sujeito se coloca diante do desejo do Outro de forma alienada, sendo esta característica marcante justificada exatamente pela questão do “ter”. O falo, objeto de desejo,

---

<sup>12</sup> Já que, segundo Nasio (1991), independentemente da neurose do sujeito, é produzida artificialmente nele uma histeria, para poder enfim chegar em sua resolução final.

é aquele o qual o histérico sente-se privado, delegando portanto a questão do seu desejo aquele que supostamente tem o falo (DOR, 1994).

Dor (1994) sinaliza também a queixa histérica, sobretudo a queixa de ter recebido menos amor. Colocando-se como objeto desvalorizado e incompleto, o histérico se percebe como objeto sem valor para o desejo da mãe. É neste sentido que este sujeito busca tornar-se o objeto ideal para o Outro, entretanto, o que marca a dinâmica histérica como já sublinhava Freud, era justamente o desejo histérico de manter seu desejo insatisfeito.

#### 2.4.2. *A Perversão*

A perversão é uma estrutura clínica que tem socialmente sobre ela certo estigma. O termo “perversão”, foi muitas vezes utilizado de forma indevida, no sentido de designar a depravação dos costumes; a maldade e o comportamento sexual patológico, aproximando erroneamente a perversão do termo: perversidade (VALAS, 1990; DOR, 1991; JULIEN, 2002). É de grande importância reconhecer e diferenciar os termos. Perversidade trata-se de uma orientação episódica voltada ao gosto pela subversão, pelo escândalo (DOR, 1991), enquanto que perversão não se trata de uma deteriorização patológica da personalidade, como pontua Dor (1991), mas de uma posição inconsciente do sujeito frente à questão fálica.

Iniciando a discussão pela função da pulsão nessa estrutura, Dor (1991) sinaliza que o conceito, tão importante na metapsicologia freudiana, está intimamente ligada à economia perversa. De um lado, a pulsão é uma peça fundamental na evolução da sexualidade e de outro é o vetor psíquico que atualiza a questão perversa. Com relação ao desenvolvimento da sexualidade infantil, Freud já a nominara de polimorfa-perversa, entretanto esta primeira fase do desenvolvimento sexual não deve ser confundido com a perversão, em sentido estrutural (VALAS, 1990).

No que se refere à estrutura perversa há uma atualização de componentes da forma de satisfação sexual infantil, havendo uma regressão à esta primeira fase do desenvolvimento libidinal, onde o sujeito fixou-se (DOR,

1991). Julien (2002) mostra que para alguns a perversão seria uma fixação em pulsões parciais, assim como acontece na infância, o que se configura como uma análise ligeira, já que o sujeito avança a pulsão genital, havendo posteriormente uma regressão (DOR, 1991).

Em relação à trama edípica, no caso da perversão a criança vivencia o conflito até o terceiro tempo proposto por Lacan, entretanto é diante da castração que o sujeito assume uma postura diferenciada do que passa o neurótico. O mecanismo inconsciente neurótico é o recalque (*Verdrängung*), onde sobre a castração, o sujeito a reconhece, mas procura fugir deste encontro. No caso da perversão, estamos falando do desmentido (*Verleugnung*), que marca um paradoxo em relação ao modo como esse sujeito lida com a castração, ele a reconhece, mas por outro lado, subverte a realidade (DOR, 1991; ANDRÉ, 1995), marcando a também característica perversa, da clivagem do eu<sup>13</sup> (DOR, 1991; 1994).

A perversão se constitui na dialética edípica (VALAS, 1990), sendo importante situar a figura do par parental no conflito. O perverso sabe que a mãe não tem pênis, porque esta foi castrada, no real pelo pai. O pai é portanto para Dor (1991) responsável pelo horror da castração. Para Dor (1991), o perverso nega o desejo da mãe pelo pai, já que frente a uma mãe sedutora, o pai aparece de forma complacente a esta sedução. O significante Nome-do-Pai se insere no sujeito, entretanto, aparece no discurso da mãe, fazendo com que a instância materna torna-se depositária de atribuição fálica (DOR, 1991). Em resumo, pode-se dizer que a função paterna é delegada junto à mãe.

Para André (1995), o pai de um sujeito que se estrutura como perverso não é ausente, por outro lado, assume um caráter bem peculiar, este se mostra complacente diante da relação sedutora mãe-criança. Com a inserção paterna a criança percebe neste um concorrente fálico frente à mãe; concorrente em relação a sua posição de objeto de gozo da figura materna. Ao se estruturar enquanto perverso, o sujeito percebe que o desejo da mãe não centra-se exclusivamente em sua pessoa, percebendo esta enquanto castrada; faltosa,

---

<sup>13</sup> Para Joel Dor (1991), trata-se da existência de duas representações entre si irreconciliáveis no aparelho psíquico. No caso a tomada de consciência da castração e simultaneamente sua negação (VALAS, 1990).

fazendo com que por isso, ela não o satisfaça, já que seu objeto de desejo é o falo (DOR, 1994). Em síntese, o sujeito passa pelo Édipo, a Função paterna incide sobre ele, o sujeito é castrado, entretanto recusa a castração.

Às voltas com a distinção anatômica dos sexos, a criança se nega a aceitar que a mãe não possui o falo, acreditando que pode ela ser o falo, ou concedê-lo à mãe (JULIEN, 2002). A aceitação da falta de pênis na mulher prova ao sujeito a possibilidade de sua própria castração (FREUD, 1927), e ele a renega como forma narcísica de manter a angústia à distância (DOR, 1994). Sendo assim, no que se refere à questão edípica do sujeito perverso, ela é fortemente marcada pela noção fálica da mãe (QUEIROZ, 2004).

A percepção da mãe fálica marca a renegação da diferença sexual, trazendo o falo para o centro da discussão perversa (QUEIROZ, 2004). A perversão tem então, sua gênese na impossibilidade de reconhecer a falta na mulher, sobretudo a falta na mãe. Diante da recusa da castração da mãe o sujeito se utiliza de um mecanismo próprio da perversão, o fetiche (VALAS, 1990).

O fetiche funciona na perversão, como um mecanismo que coloca-se enquanto substitutivo fálico. Através dele o sujeito perverso protege-se da própria castração, em uma tentativa de abolir a diferença dos sexos. Através do objeto fetiche o sujeito atribui um pênis à mulher (VALAS, 1990). Julien (2002) alerta que não se trata de um falo real, nem exatamente o simbólico, já que este também falta na mãe, o objeto fetiche assume o lugar de falo imaginário.

Para Freud (1927) mesmo que havendo a negação da convicção de castração, essa representação ainda tem sobre o sujeito, forte significação. Como forma de escapar da idéia angustiante, o sujeito elege um outro objeto, ou parte do corpo para atribuir a este o papel desse pênis que não pode se ausentar. A construção do fetiche tem para Freud a finalidade de destruir qualquer indício da possibilidade da castração, escapando assim do medo dela. Freud diz ainda, que o fetiche enquanto esse substitutivo do pênis, não se refere à qualquer pênis, mas sim um substituto a um pênis específico, aquele que foi extremamente importante na primeira infância, o pênis da mãe,

e procura sustentar-se no saber universal das teorias infantis<sup>14</sup> (QUEIROZ, 2004).

O objeto fetiche, enquanto substitutivo fálico é exigido por esses sujeitos, e através dele a iminência da falta fica tamponada. O objeto fetiche, ao mesmo tempo que contorna a falta da mulher, faz essa falta presente por meio de um objeto (DOR, 1994; QUEIROZ, 2004), fazendo presente, novamente o jogo perverso de esconder e mostrar, discutido por Julien (2002) que aquilo que se designa a esconder, na verdade aponta para a falta.

Para Queiroz (2004), de uma forma geral, a perversão se coloca muito no lugar do imaginário. A questão desse sujeito se situa na imagem que ele preserva da castração do corpo do Outro e seus artifícios de encombri-lo.

### **3. O travesti: A mulher que sabe?**

---

<sup>14</sup> A universalidade do pênis.

A questão do travesti ainda é um tema pouco abordado de forma direta pela Psicanálise, sendo provavelmente justificado por alguns psicanalistas, pela dita resistência dos travestis à análise (KOGUT,2006), sendo portanto possível apenas fazer inferências sobre a temática.

Ainda que de forma reduzida o tema tem sido discutido na Psicanálise, ganhando um enfoque na discussão da perversão, como é o caso de Joel Dor (1994),e o que aparece sobre o ato de travestir-se em Julien (2002) como atitude fetichista, tipicamente perversa. Entretanto, cabe destacar que existem divergências sobre esse pensamento.

Diante desse discurso reduzido sobre a temática, também não é possível falar do travesti em uma estrutura clínica, já que estes em sua condição de sujeito, podem inserir-se em qualquer uma das estruturas, sem que haja porém a mesma significação em cada uma delas. Aparece então a possibilidade de discutir a questão em uma outra estrutura clínica, sem fechar a discussão em uma só, nem tão pouco de cair no mesmo reducionismo de exclusão das outras estruturas (Neurose Obsessiva e psicoses de forma geral).

Neste sentido, este trabalho propõe uma discussão do corpo travesti, pensado enquanto elemento do feminino, quando ele se aproxima da questão histórica e sua cena, bem como, do lado do corpo travesti como um discurso perverso.

### *3.1. O que é o feminino*

A questão do feminino, desde Freud coloca-se como um enigma para a Psicanálise, e uma temática de intensos investimentos de psicanalistas contemporâneos.

Freud, em toda a teoria Psicanalítica, ampliando a questão da sexualidade, faz questão de enfatizar que o que define a masculinidade ou feminilidade foge do alcance da anatomia, sendo que estes assumem papéis mais intimamente ligados a questões psicológicas, onde o masculino se afina mais com questões de atividade, enquanto que a feminilidade a posições mais

passivas (FREUD, 1940). Deste modo, não se trata de dois sexos, como pontua André (1994), mas de duas posições do sujeito.

A Psicanálise na verdade não procura descrever o que é a mulher, mas por outro lado, traz um discurso para a questão de como uma mulher se desenvolve (FREUD, 1940), o que se coloca de uma forma bem diferenciada, e mais complexa que o desenvolvimento de um homem. De uma forma distinta do que acontece com os homens, a mulher não é um ser dado desde o momento do nascimento, ser mulher se coloca no sentido de tornar-se mulher, e para que haja esse “tornar-se” as meninas precisam mudar de sexo (de uma posição fálica, marcada pela importância do clitóris como principal zona erógena, para a descoberta da vagina) e de objeto (FREUD, 1931; ANDRÉ, 1994). Freud (1931) considera esse movimento do desenvolvimento da sexualidade feminina como de fato bastante complexo, não podendo inclusive sobre as duas características dessa sexualidade (a mudança de “sexo” e de objeto) trazer vinculações claras, chamando a sexualidade feminina de continente negro.

No sentido do enigma do feminino, Lacan (1972) retoma as discussões freudianas, buscando trazer algo novo sobre a discussão da feminilidade. Neste sentido, ele traz um discurso muito interessante e inovador no que se refere à questão da mulher, em termos de “gozo feminino”. Lacan lança também o famoso aforismo “A mulher não existe”, designando que esta está também inscrita em uma lógica fálica, já que não há significante do sexo feminino, aparecendo então a mulher, no discurso lacaniano como a “não toda” (ARÁN, 2003).

O desenvolvimento sexual das meninas, para Freud (1931-1933) divide-se em duas fases. A primeira, que se coloca em um caráter meramente masculino, onde como nos meninos é por elas vivida a fase fálica, tendo como sua principal zona erógena o clitóris, órgão homólogo ao pênis, sendo a vagina portanto um órgão desconhecido, já que não existe no órgão sensações até a puberdade. A segunda fase seria portanto uma fase feminina, que a menina conseguiria chegar portanto à descoberta da vagina. Uma sexualidade mais enigmática e complicada que a dos homens, justamente pelo fato de as

mulheres precisarem fazer a transição de uma fase para a outra, o que nesse sentido, em nada se assemelha com o desenvolvimento sexual dos homens. Outra complicação é o fato de o clitóris em seu caráter viril, continuar funcionando na vida sexual feminina posterior.

Na dialética edipiana, as meninas, assim como ocorre com os meninos, tem a mãe como primeiro objeto, já que as condições para a escolha objetal sejam as mesmas, para meninos e meninas (o fato de a mãe ser aquela que alimenta e cuida). Elas diferenciam-se dos meninos em relação a mudança objetal vivida por elas. Ao final do desenvolvimento das meninas, o pai torna-se seu objeto amoroso diferente do que ocorre com os meninos, que as mães permanecem como seu objeto.

A percepção da castração é o motivo, que faz a menina se voltar agora contra a mãe, mantendo com esta uma relação hostil, já que passa a culpar a mãe (castrada como ela) por sua “falta de pênis”; falta esta, que é reconhecida na infância enquanto falo, e não no sentido de se tratar de sexo feminino (ANDRÉ, 1994), voltando-se para o pai.

A descoberta da castração coloca-se como algo de forte importância na vida sexual das meninas, e pode levá-la a três linhas de desenvolvimento: em um primeiro lugar pode ser levada a uma inibição sexual, já que ela fica insatisfeita com o seu clitóris, e abandona a atividade fálica bem como a sexualidade de uma forma geral. Um segundo caminho seria o chamado complexo de masculinidade, onde permanece nas meninas a idéia de obter um pênis. E o terceiro caminho seria os primeiros passos em direção a feminilidade, onde as meninas passariam a então tomar o pai como objeto (FREUD, 1933; 1940).

A então sexualidade fálica, ativa, clitoriana, vivida pelas meninas tem caminhos diferentes após a percepção de castração e o afastamento da criança de sua mãe, que, voltando-se para o pai, vive uma experiência sexual de ordem passiva. Quando a menina abandona seu interesse pela sexualidade clitoriana, reprime também, suas outras atividades sexuais de uma forma geral. A repressão dessa sexualidade abre então os caminhos para a feminilidade.



Na teoria Psicanalítica o feminino não é dado, mas construído. O travesti coloca-se também no lugar de construir o feminino, marcando o que a Psicanálise sustenta de uma não relação direta entre o órgão genital (neste caso a vagina), o ser mulher e a feminilidade.

O travesti assim como algumas mulheres, cria; monta esse feminino, seja nos adornos utilizados, nos procedimentos cirúrgicos, endocrinológicos e cosméticos, e em seu comportamento. Buscam, como afirma Nardi (2003), um feminino que lhes “é próprio”. Ainda entre o travesti e a feminilidade Dor (1996) ressalta que estes sujeitos se colocam de uma forma escrava frente a estética feminina, já que para eles a feminilidade seria os signos com os quais os homens se revestem.

### *3.2. O travesti e o discurso perverso*

Falar de perversão, ainda se coloca de uma forma bem complexa, por haver confusão com o termo perversidade, levando à questão a um discurso moral, o que não é o que se refere a questão da perversão, enquanto estrutura.

Com relação à questão travesti, a psicanálise tem algo a dizer. Psicanalistas de diversas correntes (Psicologia do Ego, das relações objetais, e os de orientação Lacaniana) concordam que há uma ancoragem do desejo desse sujeito na sua relação conflituosa com a castração (KOGUT, 2008). Entretanto, é pelo caminho da leitura lacaniana que este trabalho tem embasamento, e em relação ao campo de influência lacaniana a discussão ganha o campo das perversões.

Diante da dificuldade (ou porque não dizer impossibilidade) de, de uma forma genérica inserir um sujeito em uma categoria diagnóstica<sup>15</sup>, este trabalho fala em perversão em uma de suas faces, a do discurso (RUDGE, 2005). Como já insinua Queiroz (2004), o discurso perverso aparece nos sujeitos hipermodernos de uma forma observável. O dizer perverso, o falar mostrando,

---

<sup>15</sup> Categoria diagnóstica que qualificaria um analisando em sua singularidade (RUDGE, 2005), e um grupo de sujeitos excluídos da experiência analítica.

acaba hoje por fazer parte da forma discursiva de diversos sujeitos, perversos ou não. Neste sentido, o corpo, que não é negligenciado na teoria lacaniana, é traduzido neste enquanto discurso.

No tocante à perversão, pode-se citar o psicanalista Joel Dor (1996), na discussão sobre a questão do travestismo<sup>16</sup>. Dor defende a questão da perversão e justifica seu pensamento, no sentido que o travestismo, caracterizando-se por uma questão especular (a imagem fálica da mãe) e corporal, tem como função, por assim dizer, uma defesa contra a angústia de castração.

Os psicanalistas que dessa forma pensam, justificam a importância dada à presença do pênis nesse corpo modificado. Diferente dos transexuais que buscam extirpar o órgão, por viverem com ele uma situação conflituosa, já que não sentem-se pertencentes ao sexo que o órgão culturalmente determina. Para os travestis contrariamente a isso, o pênis assume uma importância central. Ceccarelli (2008) fala que o pênis é assim importante, por permitir ao travesti vivenciar a fantasia de mulher fálica, de negação da castração da mãe. A imagem de mulher fálica tão fortemente marcada, na dinâmica perversa.

É exatamente com relação a fantasia de mulher fálica, e conseqüentemente a questão do desmentido da castração (*Verleugnung*) que o tema é por essa via discutido. Travestir-se, seria portanto, uma forma de metaforizar a recusa à castração (KOGUT, 2008), presenteando o corpo feminino com o representante simbólico fálico. Na leitura de Julien (2002) o envolvimento, próprio dos travestis com os adornos femininos sinaliza uma identificação do sujeito masculino com a mãe que tem o falo<sup>17</sup>, escondendo (e mostrando) assim, como afirma Lacan (1957) a falta de objeto.

A recusa à castração da mãe funcionaria como uma defesa narcísica, uma forma de contornar e escapar da castração (DOR, 1994). Essa tentativa dá lugar no perverso ao mecanismo de desmentido da realidade (sob a forma do fetiche), e a fixação da imagem de uma mulher de pênis (DOR, 1994),

---

<sup>16</sup> Muito embora o texto tenha trazido o mesmo autor para a discussão da histeria, no sentido de buscar no travesti manifestações históricas. De uma forma direta em relação ao tema, o autor traz de forma pontual a questão da perversão.

<sup>17</sup> Não se trata da identificação com a mãe, mas sim à mãe fálica.

imagem essa que se traduz no travesti, sendo exatamente isso que ele seria: uma mulher de pênis, ou melhor “a mulher”. Em relação a isto, Dor afirma:

“Uma mulher/não mulher que se movimenta entre os signos está mais apta a ir ao fim da sedução que uma verdadeira mulher, já justificada por seu sexo. Somente ela pode exercer uma fascinação pura, porque mais sedutora que sexual.” (DOR, 1996, p. 97)

Para Dor (1996), a recusa da castração realizada pelos perversos de uma forma geral, vai no travesti um pouco mais longe. Para ele, o ato de transformação do corpo em um corpo feminino apontaria para uma tentativa de representação fantasmática do que a mãe deveria ter. Não se trata exatamente de uma identificação com a mãe, mas com o falo que ela deveria ter. Fazendo uma distinção dos transexuais, o autor afirma também que o travesti não abre mão da presença do órgão, já que o gozo desse sujeito se expressa na colocação do órgão no real do corpo de mulher.

O processo de transformação, para além da orientação sexual desses sujeitos ganha lugar privilegiado na discussão, pois é através da servidão travesti de se utilizar da mascarada feminina, que Dor (1996) sinaliza a identidade sexual desses sujeitos. É através do olhar do Outro que esta identidade se sustenta, para o autor a necessidade de iludir, de dar um disfarce feminino ao corpo dotado de pênis, que tem força de lei para esses sujeitos.

Em relação ao fetiche, para o travesti existe essa necessidade de criar um objeto que substantifique essa ilusão de mulher fálica, e esse objeto é seu próprio corpo, sua transformação (QUEIROZ, 2004). O travestismo, como forma de fetiche, para Dor (1996) serve à função de defesa da angústia de castração, já que de certa forma o ato de travestir-se fantasisticamente, anula a diferença sexual. Essa ilusão que ele constrói precisa ser vista pelo Outro, ele transforma seu corpo, concedendo à mulher o pênis, se colocando enquanto aquilo que preenche à falta materna, enquanto falo (QUEIROZ, 2004).

### 3.3. O travesti e a cena histórica

Refletindo sobre o corpo travesti inserido no campo da histeria, pode-se pensar na divisão inerente ao sujeito histórico, uma divisão que passa a conflitar entre duas representações que procura se identificar com um e com o outro sexo, em uma ordem da bissexualidade (ANDRÉ, 1994). Neste sentido, o travesti se coloca bem nessa ordem, de se identificar com um sexo – o feminino, diante de toda transformação do corpo a fim de que se pareça cada vez mais com uma mulher, e com o outro, já que não abre mão do pênis.

Segundo André, (1994) a questão da bissexualidade coloca-se como essência da fantasia histórica, sendo que nesse sentido, o termo significa um bi-gozo. Freud (1908b) ao se referir a questão da bissexualidade, aponta que o sintoma histórico<sup>18</sup> expressa, justamente fantasias sexuais por um lado masculinas, e de outro femininas, ainda que na mesma idéia fantasística. Talvez o corpo travesti insinue algo dessa ordem, de obter dois gozos.

Outro ponto de reflexão poderia se colocar naquilo que de fato caracteriza o travesti. Longe de ser a opção sexual, mas sim a vacilação do corpo, a ambigüidade, o ato de montá-lo (BAUDRILLARD, *apud* DOR, 1996), de fazer do corpo de homem uma imagem de mulher.

Como bem pontua Nardi (2003) não basta se fazer parecer uma mulher, mas que seja desejável, e assim como acontece com as mulheres, há para os travestis também uma mobilização em busca da perfeição. Dor (1994) mostra na histeria feminina uma certa correlação entre o belo e o feminino, o que também se coloca nesse dinâmica do travesti com relação à literatura corrente, de não basta “ser mulher”, tem que ser bonita.

O fazer parecer do travesti, marca também um traço histórico, no sentido de mascarar o real, de mascarar a imperfeição (DOR, 1994), dando à discussão algo bem da ordem do feminino.

A fantasia da sedução, também bastante marcante na histeria, sobretudo na masculina, como bem situa Dor (1994), se coloca de forma

---

<sup>18</sup> O sintoma histórico, antes circunscrito em reações conversivas bem marcadas, como as questões relacionadas a motricidade, os distúrbios de sensibilidade e sensoriais, como pontua Nasio (1991), hoje tem assume outras características e gera novos mal estares (ANDRADE, 2009).

bastante presente na questão travesti. Segundo pesquisa de Kogut (2006), com oito analisandos e entrevistas com mais de 30 travestis, ela conclui que contrariamente ao discurso psicanalítico corrente tendencioso à questão perversa, ela não observa no discurso desses sujeitos a fantasia de mulher fálica, mas outro lado, o que se encontra no centro da questão seria justamente a questão do poder de sedução da mulher. Ainda para a pesquisadora, o que se coloca neste caso é a possibilidade de possuir A mulher que deseja, e por outro lado, de ocupar o lugar de objeto causa de desejo, experimentando o bi-goço que fala Serge André. Diante da transformação ele é seduzido e goza de poder seduzir, experimentando em uma mesma situação uma posição passiva e ativa.

#### **4. “Tudo sobre minha mãe”: Considerações psicanalíticas**

O filme “Tudo sobre minha mãe”, do espanhol Pedro Almodóvar (1999), como bem característico em toda sua obra, traz à cena questões sobre o feminino, em suas mais diferentes formas de expressão. Em cada filme, como bem reflete Costa (2007) e Néri (2005), ele traz um pouco de uma tentativa de desvendar a questão lançada por Freud, sendo portanto suas obras bastante comentadas em meios psicanalíticos.

Em “*Tudo sobre minha mãe*” mais especificamente a questão do feminino é novamente exposta em um drama intenso, com discussões pertinentes, situações que fogem do previsível, e abre diversas discussões, seja na questão social da doação de órgãos, da maternidade, da paternidade, a questão da feminilidade, e de uma forma mais ampla uma discussão de gênero, sem contar que todo o filme traz à cena, uma problemática fálica (TELLES,2004).

Segundo a interpretação de Telles (2004), mesmo que o nome do filme aponte para a “mãe” – Manuela - como personagem principal, tem por outro lado, como personagem central o jovem Estéban, filho de Manuela, já que o título se coloca como um discurso dele sobre esta mãe, e os detalhes desconhecidos de sua história.

Manuela, mãe do jovem é uma enfermeira que trabalha no setor de doação de órgãos em um hospital em Madrid. Manuela cria Estéban sozinha, sem sequer uma referência ao seu pai<sup>19</sup>, e no seu aniversário, este é o pedido feito por Estéban – conhecer esse pai, “seja ele quem for”.

O jovem, mantinha um diário, onde nele constava escritos sobre seu desejo de conhecer esse pai, em conhecer a parte que faltava das fotografias rasgadas da mãe. E em referência ao filme visto por mãe e filho no início da história “*Tudo sobre Eva*”, Estéban escrevia “*Tudo sobre minha mãe*”.

É no referido aniversário, que mãe e filho vão assistir a peça “*Um bonde chamado desejo*”, e ao esperar a saída da atriz principal, para que Estéban lhe pedisse um autógrafo, Manuela lhe revela que conheceu seu marido quando interpretava esta mesma peça, prometendo a Estéban, falar sobre ele quando

---

<sup>19</sup> O filme todo, de uma forma geral, mostra uma ausência da imagem do “pai”, mostrando figuras paternas que Telles (2004) chamaria de inconsistentes.

chegassem em casa. Promessa esta que não pode ser cumprida, já que, ao perseguir a atriz, o jovem é atropelado e morre.

Manuela se vê às voltas com o drama da decisão da doação dos órgãos do filho, e a elaboração de seu luto, e após isso resolve voltar a Barcelona, de onde ela, grávida, saíra fugida do pai da criança, que nunca soubera da existência do filho. Volta como uma possibilidade de reparar um dos erros que se coloca para ela, fazer com que esse pai saiba da existência do filho, já que diante da primeira falta ela já não podia mais nada fazer – contar a Estéban “Tudo sobre seu pai” (TELLES, 2004). Manuela volta então a Barcelona para reencontrá-lo, e fazê-lo saber do filho.

Manuela chega a um centro de prostituição, a fim de encontrar referências do que estava a procurar, é neste momento que reencontra Agrado, travesti, que ganha a vida se prostituindo, amigo em comum entre ela e o pai da criança, também travesti – Estéban/Lola. Neste encontro, fica claro que Estéban (Lola), assim como Agrado, adotou também uma aparência tipicamente feminina, se utilizando de intervenções cirúrgicas e endocrinológicas para tal fim, e ainda assim, Manuela continuara com ele, mesmo depois de este ter se transformado em Lola.

Agrado auxilia Manuela em seus primeiros momentos de volta à Barcelona, e lhe apresenta a Rosa, uma freira que trabalha em uma instituição destinada a prostitutas e travestis, esta também grávida de Lola, confessando a Manuela a descoberta de ser soro positivo.

Em Barcelona, Manuela reencontra Huma, atriz da peça “*Um bonde chamado desejo*”, última ligação da história da morte de seu filho, tendo com ela uma aproximação, e trabalhando com ela.

Rosa, morre de parto, e Manuela fica responsável por cuidar de seu filho, que também recebe o nome de Estéban, e é após essa morte que ela tem a oportunidade de encontrar-se com Lola, que enfim pode conhecer o filho e saber sobre o outro Estéban, agradecendo a Manuela, a oportunidade que lhe foi dada de ser pai.

Como dito de início, o filme dá margem a diversas discussões, de ordens diversas, a qual podemos destacar a já mencionada falta de referência à figura paterna. Se observa no filme uma intensa presença de mulheres, mulheres fálicas, e uma ausência de representação paterna, e quando esta aparece, se mostra frágil, inconsistente, seja na figura paterna de Lola, um pai aparentemente mulher, ou ainda no pai de Rosa, que aparece com pouca significação simbólica (TELLES, 2004).

Neste sentido de figuras paternas inconsistentes apresentadas no filme, é pertinente discutir um pouco, sobre as novas configurações familiares e conseqüentemente os caminhos já diferentes tomados pela dialética edipiana em nosso tempo, que ganham um direcionamento distinto daquele descrito por Freud. Em tempos hipermodernos o que se apresenta de forma relevante é um declínio do pai. Este que nos tempos da inovação do pensamento freudiano era consistente e marcava uma lei, a autoridade, hoje perdeu a força diante dos diversos movimentos sociais (os feministas, e dos homossexuais já aqui citados) reivindicando igualdade e uma maior liberdade, sem contar em outros movimentos, como é o caso do movimento *hippie*, que questionava a autoridade, lutando por uma horizontalização das relações (MILLER, 2006).

É com relação a esse declínio da função paterna<sup>20</sup>, que Miller (2006) inaugura a expressão “O Outro que não existe”, no sentido de, diante da fragilidade desse pai, fragilidade esta visível no filme, este se enfraquece, sendo que aquele que se tinha como referência existe apenas a nível de semblante. O masculino, era então compreendido pela Psicanálise como o Todo, e o feminino por sua vez, o não-todo, tendo papéis distintos e bem delineados. O Outro Todo, por muito tempo ocupava o centro, a lei, a ordem, que foi como dito anteriormente reivindicada. Com esse enfraquecimento o Outro Todo, que era tido como referência, se coloca agora também como não-todo, no lugar da inconsistência, sendo que esta referência portanto em um ponto também inconsistente, marcando a então inexistência do Outro que hoje tem estrutura de ficção (MILLER, 2006; ANDRADE, 2009).

---

<sup>20</sup> Declínio este não de forma total, como lembra Andrade (2009), já que, mesmo de uma forma frágil esta ainda se coloca como a inserção da lei no desejo.



Sob a personagem Manuela, também outras questões interessantes poderiam ser levantadas e discutidas, como por exemplo sua relação com a feminilidade, que segundo a interpretação de Telles (2004) ela não a tenha alcançado, o que pode ser pensado por exemplo da forma como esta narra seu relacionamento com o marido, que ela permanece casada, mesmo quando este, tem se travestido, transformando-se em Lola. Manuela permanece com este homem, deixando-o apenas quando pode levar consigo um filho:

*“ Eu tinha uma amiga que se casou muito jovem, um ano depois o marido foi trabalhar em Paris (...). Dois anos se passaram, ele juntou dinheiro e montou um bar em Barcelona. Ela veio encontrá-lo aqui. Dois anos não é muito tempo, mas o marido havia mudado (...) Ele colocara um par de seios maiores que o dela (...). Fora o par de peitos, o marido não havia mudado tanto. Ela terminou aceitando-o. Nós mulheres fazemos de tudo para não ficar-mos sozinhas (...). Nós somos idiotas, e um pouco lésbicas.”*

O fato de o marido ter agora um par de seios maiores que o dela, e ter um marido com aparência tipicamente feminina, não foi para Manuela o motivo de sua separação, por outro lado, o que a levou a isso foi o machismo dele:

*“Ele passava o dia com um biquíni mínimo, transando com tudo o que aparecia, e fazia um escândalo se ela usasse um biquíni ou minissaia. O filho-da-mãe! Como se pode ser tão machista com aquele par de peitos?”*

Outro ponto que se pode fazer um recorte pertinente, ainda sobre a personagem Manuela é sua relação com a maternidade, seja com o filho Estéban, em uma relação de certa forma simbiótica, onde a função paterna se coloca de forma bem frágil, se é que se coloca, já que Manuela nega ao pai a oportunidade de conhecer o filho, negando ao filho também a existência desse pai, do pai enquanto função, apresentado-o desde cedo como morto, e também assim no nível simbólico. Manuela se coloca novamente diante de uma relação maternal, e também simbiótica com Rosa, quando esta, assim como Esteban,

também se coloca para Manuela na condição de falo, o que se pode ser notado no seguinte discurso:

Rosa: Esse filho também é seu.

Manuela: Quem dera...você e seu filho só para mim.

Diante dessas apresentadas, e de muitas outras cenas e passagens interessantes e ricas para o discurso psicanalítico, esse trabalho toma como recorte as personagens Agrado, travesti que ganhava a vida se prostituindo, narrando questões muito pertinentes e interessantes do ser mulher, e Lola, também travesti, e que não abre mão de um caráter viril, no sentido da questão que sobre ele se coloca da paternidade. É sobre essas personagens que a discussão tomará maiores detalhes, em seus discursos, e sobre o que delas se falam.

#### *4.1. Agrado e Lola: Possíveis análises entre a histeria e perversão*

*“Chamam-me de Agrado porque, a vida inteira só pretendi tornar a vida dos outros agradável. Além de ser agradável, sou muito autêntica. Olhem só que corpo! Tudo feito sob medida. Olhos amendoados: 80 mil (pesetas). Nariz: 200 mil. Jogadas no lixo, no ano seguinte ficou assim depois de outra surra, sei que me dá personalidade, mas se soubesse antes, não mexeria nele. Continuando... peitos: dois, porque não sou nenhum monstro, 70 mil cada um, mas eles já estão superamortizados. Silicone em... Lábios, testa, maçãs do rosto, quadris e bunda, o litro custa cem mil. Calculem vocês porque já perdi as contas. Redução de mandíbula: 75 mil. Depilação definitiva a laser. As mulheres também vem do macaco, até mais do que os homens: 60 mil por sessão, depende da cabeluda que se é. O normal é entre duas e quatro sessões. mas, se é uma diva do flamenco, precisará de mais, claro. Como eu estava dizendo, sai muito caro ser autêntica.*

*E nessas coisas não se deve ser avarenta. Porque nós ficamos mais autênticas quanto mais nós nos parecemos com o que sonhamos que somos"*

É desta forma, que se apresenta o personagem Agrado, e nesta passagem especialmente, muitos elementos podem ser pensados e discutidos. Nesta fala, o personagem traz a grande questão do travesti, que é a transformação de seu corpo em um corpo de mulher, de forma que se aproxime deste, da maneira mais fiel possível, é o que se coloca ainda, em outro discurso de Agrado:

*"...Preciso me cuidar, preciso estar gostosa, não tem jeito. Sempre estou atenta aos últimos avanços tecnológicos de cirurgia e cosmética"*

Essa transformação em uma aparência feminina, como bem situado por Agrado, não se trata de simplesmente se parecer com uma mulher, mas que se seja bonita e desejável: *"...Preciso estar gostosa, não tem jeito."*, bonita e desejável ao olhar do outro. Como bem coloca Nardi et all (2003) a fala da personagem de Almodóvar poderia ser um discurso comum das mulheres da hipermodernidade, que ao tentar moldar um corpo a partir de um ideal imposto seja pela moda, ou pela mídia, impõe-se como necessário ter um corpo escultural, corpo este dado ao espetáculo. É este espetáculo que parece se colocar no personagem Agrado.

A primeira cena apresentada marca de forma relevante o que Dor (1994) chama do "dado a ver", Agrado traz sua história de transformação, sua beleza, sua agradabilidade e sobretudo sua autenticidade literalmente à cena. Ele assume a cena e faz de si, do seu corpo, o espetáculo. Agrado nesse momento se coloca como objeto de desejo, o objeto que fascina o outro, e que de certa forma está ali assegurando saber o que fazer para ser um sujeito autêntico.

Se colocar diante do olhar do Outro, ainda na primeira cena apresentada, além de sua descrição de transformação corporal, pode-se refletir sobre a escolha do significante para ser chamado: Agrado. *"Chamam-me*

*Agrado porque a vida inteira só pretendi tornar a vida dos outros agradável...".* De certa forma o personagem se coloca para o Outro, para agradar o Outro, seja em um "agradar" subjetivo, ou agradar com o corpo. Neste sentido, Agrado mostra certa alienação ao desejo do Outro. Para Dor (1994) há na histeria, além do desejo de aparecer, o desejo de agradar, colocando-se na verdade enquanto uma demanda de amor e reconhecimento.

Outro traço a ser observado, é quando o personagem tenta desmistificar o feminino, diante do semblante assumido de saber o que é uma mulher, a personagem diz:

*"Uma mulher é seu cabelo, as unhas, uma boca para chupar ou fofocar. Vejamos, onde já se viu uma mulher careca?"*

(Referindo-se as *Drag Queens*)

Diante do exposto, podemos pensar em alguns traços históricos, mesmo a literatura fortalecendo uma reflexão do corpo e transformação travesti sob o ponto de vista das perversões. Em um primeiro momento, pode-se destacar o assujeitamento da personagem ao Outro, no sentido de querer agradar tanto, que esse desejo se coloca inclusive no significante ao qual escolheu para ser chamado. Para Dor<sup>21</sup> (1994), o traço de querer agradar, sobretudo em uma dimensão estética se coloca como um traço histórico. Esse cuidado com a perfeição adotado por Agrado ("*...Olhem só que corpo! Tudo feito sob medida.*"), é de fato um cuidado que mobiliza o sujeito histórico, em uma tentativa de aproximar a perfeição do belo e este do feminino.

Outro traço tipicamente histórico, também observado no mesmo personagem é relativo ao enigma da mulher, e sua quetsão: O que é ser uma mulher? (ANDRÉ, 1994; DOR, 1994). A qual, Agrado faz tentativas de responder, e de saber sobre isso (no seu discurso ser mulher é o cabelo, certamente bem cuidado, são as unhas, provavelmente sempre feitas, etc, dando a esses cuidados com a beleza a condição de ser mulher).

---

<sup>21</sup> Este mesmo autor que trata o travestismo sobre o prisma da perversão.

Essa busca pela perfeição, traço da histeria, e exposto na personagem (*“Eu preciso estar gostosa...”*), marca por outro lado, segundo Dor (1994) a compreensão de sua imperfeição, fazendo com que o sujeito histérico se coloque a favor de fazer parecer, mascarando as imperfeições percebidas, seja com roupas, intervenções cirúrgicas, cosméticas, etc.

Outra questão interessante a ser observada em relação a histeria e que poderíamos também refletir sobre a referida personagem, é o fato de a histeria sair da dialética de “ser ou não ser o falo,” após a intrusão paterna, para cristalizar-se no par “ter ou não ter o falo”. Para Dor (1994), o sujeito histérico fantasia que o pai é possuidor do falo, e por esta razão a mãe o deseja, entretanto, este pai possui o falo, porque o privou da mãe, trazendo para o sujeito histérico então uma eterna reivindicação ao fato de a mãe poder também tê-lo. Neste sentido, o feminino impresso no corpo de Agrado não seria por sua vez uma contestação da atribuição fálica? Esse corpo travestido por sua vez não seria uma reivindicação fálica (embora sempre faltosa e insuficiente, já que ele precisa estar sempre atento às novas tecnologias para sua transformação) à mãe, à mulher?

Dor, ainda fala do sujeito histérico como “militantes do ter” (pg.67) – o falo, e neste sentido, mesmo se sustentando em uma imagem feminina, sobre o personagem percebemos o semblante sustentado de “suposto ter”, e neste sentido, quando Agrado passa a trabalhar na companhia de teatro chama muito a atenção, curiosidade e o desejo de alguns outros personagens (a atriz, Nina; e o funcionário, Mário). Interesse em Agrado como aquele que supostamente tem o falo:

Nina - “Agrado, mostre-me seu pau (...). Vou entrar, depois me mostre o pênis”

Agrado – “Eu mostro, e deixo você lamber.”

Assim como no outro diálogo:

Mário – “Ontem não dormi bem, passei o dia todo nervoso. Você me daria uma chupada?”

Agrado – “Não entra na cabeça de vocês que eu me aposentei? (...). Faça você em mim, também estou nervosa.”

Mário – “Seria a primeira vez que chuparia o pau de uma mulher, mas se for necessário”

Agrado – “Que obsessão essa companhia tem com meu pau! Parece até que é o único. Você não tem pau?”

Agrado neste caso se coloca como o suposto ter o que os outros não tem. Quando ele pergunta a Mário se este não tem o órgão, essa pergunta se coloca de certa forma revestida de um certo gozo, diante de seu semblante de suposto ter. Colocando-se também como objeto de interesse da outra histérica (Nina). Talvez sua reclamação diante da obsessão da companhia sobre seu órgão, traga por outro lado, como já dito um certo gozo, diante da possibilidade de este se colocar como “objeto que fascina o Outro” (DOR, 1994, p.73).

No discurso de Agrado, talvez a questão perversa se acentue quando este fala dos clientes, no seguinte diálogo com Nina:

Nina – *“Agrado, nunca pensou em se operar?”*

Agrado – *“Aas operadas não tem trabalho. Os clientes gostam das pneumáticas e bem dotadas. Um par de seios duros como pneus bem cheios e uma boa bunda”*

Neste sentido talvez, se insinue de uma forma mais marcante um discurso, uma fantasia, uma questão perversa. Agrado diz que os clientes não abrem mão dessas mulheres bonitas e dotadas de um pênis, de uma mulher fálica, de uma mulher “Toda”. Neste sentido, que Kogut (2006) ao tentar descentralizar o corpo travesti de um discurso meramente perverso, mostra que os resultados de sua pesquisa aponta que não aparecem nos discursos ou nos demais materiais inconscientes (sonhos, lapsos, atos falhos) do travesti o desejo pela figura da mulher com pênis, o que se coloca de forma diferente nos homens que buscam uma relação com eles, para estes sim, como aparece de forma bem pontual o discurso de Agrado, há a fantasia de ver uma mulher com pênis.

Ainda para Kogut (2006), a dinâmica do travesti se concentra mais intimamente com a questão do feminino, de ser então objeto causa de desejo, produzindo para isso uma linda mulher e vivenciando diante da transformação uma sedução, e ao mesmo tempo seduzindo a si mesmo.

O personagem Lola, parece este se colocar em um discurso mais para manifestações perversas. Ao se travestir, ao transformar seu corpo, em trazê-lo para o lado do feminino, Lola não se desarticula de Estéban, se colocando em uma dinâmica de mostrar e esconder, própria do fetichismo. Pode-se notar no discurso de Manuela:

“Lola tem o pior de um homem e de uma mulher”

Lola, se coloca em um lugar feminino, por sua aparência, por seu corpo, e não abre mão de uma característica viril, dando provas de que ele sabe fazer um homem e uma mulher gozarem. A aproximação da mulher enquanto objeto se faz possível para Lola já que esta assume uma posição fetichista. Ele tolera o encontro sexual com a mulher, porque garante nesta relação sob a forma do fetiche a presença fálica (DOR, 1996).

Não é a toa que ele, mesmo com um “par de peitos”, como fala o personagem Manuela, seduz duas mulheres, sendo também pai de duas crianças. Para Dor (1996), o travesti ao se colocar do lado da mulher completa, aquela que a mãe deveria, afasta de si a mulher castrada no real do corpo, fazendo dela também um objeto de desejo sexual possível.

Essa sedução inerente de Lola, se faz perceber na parceria sintomática que este faz com as duas históricas (Manuela e Rosa), quando a psicanálise aponta como a parceria perfeita entre uma histórica e um perverso, trazendo para o discurso de Manuela por exemplo, uma posição lésbica fantasística, como explicação de se render à sedução de um homem com aparência tão feminina quanto ela:

“Toda mulher é um pouco lésbica”

Em poucos momentos podemos nos discursos do filme, trazer à discussão o que é defendido por Joel Dor, que seria a fantasia de mulher com

pênis. Destacando porém, a passagem anteriormente citada quando se trata dos clientes dos travestis. Fica portanto marcada a impossibilidade de se falar de uma questão estrutural, delimitada dentro da situação psicanalítica, dentro de um campo transferencial (RUDGE, 2005), sendo possível apenas neste caso apontar algumas manifestações da questão histórica e do discurso perverso, que neste momento foram possíveis.

**À guisa de conclusão**



Entre a histeria e a perversão, o corpo travesti é pensado neste trabalho, em uma busca de contribuir para a literatura sobre a temática e descentralizar a discussão da questão perversa. Ao se falar de sujeitos, talvez seja demasiado apressado inseri-los em qualquer categoria diagnóstica, ignorando a importância que a Psicanálise dá a escuta do “um a um”, do encontro transferencial e único.

Apesar da literatura psicanalítica atual pensar o tema diante da questão das perversões, sobretudo justificada exatamente na transgressão sexual que esse sujeito marca no real do corpo, este trabalho ousou lançar um outro ponto de vista. A homossexualidade antes encarada como uma perversão, sabemos hoje que por mais que traga traços perversos, não podemos falar neste caso de um sujeito de estrutura perversa, já que, como bem afirma Laurent, existem homossexuais perversos, mas também neuróticos, e em uma visão ainda que questionada por alguns, como é o caso do trabalho de Andrade (2009), homossexuais psicóticos. Então por que motivo pensar o corpo travesti somente diante da saída perversa?

O “um a um” não diferente dos outros casos analisados pela Psicanálise aqui também faz diferença, cada um tem suas questões e seus conflitos, que talvez vão para além do desmentido da castração, e da imagem fantasística da mãe dotada do falo, como defende Kogut (2006) em sua pesquisa, alertando para o pequeno aparecimento de tal fantasia em seus pacientes travestis, bem como entrevistados de sua pesquisa.

Em um primeiro momento, a questão da perversão logo se insinua ao pensar sobre o tema, sobretudo na leitura deste corpo, um corpo marcado pelo pênis e mascarado de feminino em seus adornos. A questão da histeria, por outro lado, aparece sobretudo apoiada na análise do filme “*Tudo sobre minha mãe*”, mais especificamente sobre o personagem Agrado.

Não foi possível na análise do filme encontrar de forma exclusiva as fantasias perversas (mais especificamente, a questão da mulher fálica), dando espaço a novas interpretações. Inaugurando então outras possibilidades e outros meios de questionar o corpo travesti.

O silêncio psicanalítico sobre a temática é justificado por Kogut (2008), pela menor presença desses sujeitos nos consultórios psicanalíticos, e como diria Julien (2002), “a ausência de demanda cria uma ausência de pesquisa” (p. 103). Talvez a discussão psicanalítica sobre o tema ganhe novos rumos (ou se firme sobre os pilares já existentes), quando esses sujeitos contemporâneos tragam demandas aos psicanalistas. Até então, sobre o tema podemos apenas fazer inferências.

## **Referências bibliográficas**

ADELMAN, M. Paradoxos da identidade: A política de orientação sexual no século XX. **Revista de Sociologia e Política**, Paraná, vol.14. pg. 163-171, Junho, 2000.

ANDRADE, M. R. de M. **Reivindicações dos homossexuais masculinos nas vicissitudes da época do Outro que não existe**. 2009. 93f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ANDRÉ, S. **A Impostura perversa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

ARÁN, M. Lacan e o feminino: algumas considerações críticas. **Natureza humana**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 2, pg. 293- 327, Julho, 2003.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo I: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 4ª edição, 1970.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo II: A experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2ª Edição, 1967.

BENEDETTI, M. R. **“Toda feita”**: O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BRAGA, S. **Falas do falo**: o travesti e a metáfora da modernidade. 2007. 239f. Tese (Doutorado em Letras- Lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.

BRITO, B. P. M.; BESSET, V. L. Amor e saber na experiência analítica. **Revista mal estar e subjetividade**, Fortaleza, volume 8, nº 3, p.p.681-703, Setembro, 2008.

CECCARELLI, P. R. Configurações edípicas na contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. **Pulsional** - Revista de Psicanálise, São Paulo, ano XV, nº 161, p.p 88-98, Setembro, 2002.

CECCARELLI, P. R. **Transexualismo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

COSTA, A. A arte de Almodóvar. **Psicanálise & Barroco** – Revista de Psicanálise, Juiz de Fora, vol.5, n.2, p.p. 77-84, Dezembro, 2007.

CHIDIAC, M. T. V.; OLTRAMARI, L. C. Ser e estar *drag Queen*: um estudo sobre a configuração da identidade *queer*. **Estudos de Psicologia**, São Paulo, P.p 471-478.

DERBEZ, Roberto, et all. Simbólico e imaginário em histeria y perversion. In:**Rasgos de perversion em las estructuras clinicas**. Fundación Del Campo Freudiano. Buenos Aires: Editora Manantial. Tradução: Irene Agoff, 1990

DOR, J. **Estrutura e perversões**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DOR, J. **Estruturas e clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Tauros, 1994.

DOR, J. **Clínica Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ENGELS, Frederich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 13ª edição,1995.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 12ª edição, 1997.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 9ª edição, 2001.

FREUD, S. (1895). A psicoterapia da histeria. In: FREUD, S. **Estudos sobre a Histeria**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume II, 2006.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago .Volume: VII, 2006.

FREUD, S. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: FREUD, S. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume IX, 2006.

FREUD, S. (1908b). Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. In: FREUD, S. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume IX, 2006.

FREUD, S. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: FREUD, S. **Duas histórias clínicas (O “Pequeno Hans” e “O homem dos ratos)**. Rio de Janeiro: Editora Imago . Volume X, 2006.

FREUD, S. (1914). Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. **A história do movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume XIV, 2006.

FREUD, S. (1914b). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In: FREUD, S. **A história do movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume XIV, 2006.

FREUD, S. (1923). A organização genital infantil: Uma interpolação na Teoria da Sexualidade.. In: FREUD, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume XIX, 2006.

FREUD, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. **O ego e o Id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume XIX, 2006.

FREUD, S. (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. **O ego e o Id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume XIX, 2006.

FREUD, S. (1927) Fetichismo. In: FREUD, S. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume XXI, 2006.

FREUD, S. (1931) Sexualidade feminina. In: FREUD, S. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume XXI, 2006.

FREUD, S. (1933). A feminilidade. In: FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume XXII, 2006.

FREUD, S. (1940). Esboço de Psicanálise. In: FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago. Volume XXIII, 2006.

GORSKI, G. G. **Algumas considerações sobre o Complexo de Édipo em Freud e Lacan**. 2000. Disponível em:

[http://www.psiconica.com/psimed/files/edipo\\_%20em\\_freud\\_%20lacan.pdf](http://www.psiconica.com/psimed/files/edipo_%20em_freud_%20lacan.pdf) .

Acesso em 12 de Abril de 2011.

JORGE, M. A. C. A teoria Freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905 – 2005). **Psychê**, São Paulo, ano XI, nº 20, p.p. 29-46, Junho, 2007.

JULIEN, P. **Psicose, perversão, neurose**: A leitura de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Freud, 2002.

KOGUT, E. C. **Crossdressing masculino**. Uma visão Psicanalítica da sexualidade *crossdresser*. 2006. 254f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

LACAN, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998, p. 96-103.

LACAN, J. (1957). **O seminário, livro 4**: A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. (1958). A significação do falo. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.692-703.

LACAN, J. (1960-1961). **O seminário, livro 8**: A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. (1966). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.807-841.

LACAN, J. (1972). **O seminário, livro 20**: Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. (1984). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.29-90.

LAURENT, É. Ni Ganímedes, ni made in gay. In: LAURENT, É. **Una práctica de La época**: el psicoanálisis em lo contemporâneo. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005, p.21-32.

LAURENT, D. Os gays na época do Outro que não existe. **Agente** - Revista de Psicanálise. Escola Brasileira de Psicanálise. Salvador: Ano VIII, número 14, Novembro de 2007.

LIMA, C. B. Aparência travesti: Redesenho, comportamento e vestimenta. In: **Graphica, XVIII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e VII Internacional Conference on Graphics Engineering for Arts and Design**, Curitiba, 2007

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MARQUES, L. R. **Homossexualidade**: Uma análise do tema sob a luz da Psicanálise. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade). Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro: 2008.

MIGUELEZ, N. B. S. **Complexo de Édipo**: Novas patologias, novas mulheres, novos homens. São Paulo: Casa do Psicólogo, Clínica Psicanalítica, 2007.

MILLER, J-A. **El Outro que no existe y sus comités de ética**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MOTT, L. **Teoria antropológica e sexualidade humana**. 2006. Disponível em: <http://www.antropologia.ufba.br/artigos/teoria.pdf>. Acesso em: 07 Abr. 2011.

NARDI, H. C.; SILVEIRA, R. S.; SILVEIRA, S. M. A destruição do corpo e a emergência do sujeito: A subjetivação com Judith Butler. In: **Estados gerais da Psicanálise**: Segundo encontro mundial. Rio de Janeiro, 2003.

NASIO, J. D. **A Histeria**: teoria e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

NÉRI, R. **O cinema de Almodóvar: entre os dispositivos disciplinares e as matrizes subversivas de desordem do gênero**. 2005. Disponível em: [http://ebep.org.br/pdf/O\\_cinema\\_de\\_Almodovar.pdf](http://ebep.org.br/pdf/O_cinema_de_Almodovar.pdf). Acesso em 07 Abr. 2011.

OLIVEIRA, M. J. **O lugar do travesti em Desterro**. 1997. 88f. Dissertação (Mestrado em Antropologia social.) Centro de Filosofia e Ciências humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.

OLIVEIRA, C. M. *Corpos violentos: A antropofagia erótico-amorosa em Marina Colassanti*. **Revista Vernaculum** – Flor do Lácio. Volume 2, 2009.

PELÚCIO, L. “Toda quebrada na plástica” – Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **Revista de Antropologia Social**, Curitiba, Vol. 6, n. 2., p. 97-112, 2005.

QUEIROZ, E. F. **A clínica da perversão**. São Paulo: Editora Escuta, 2004.

QUINET, A. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 4ª edição, 2009.

RECALDE, M. El Edipo femenino: um interrogante Freudiano. In: MILLER, J-A. (org.). **Del Edipo a la sexuación**. Buenos Aires: Paidós, 2008, p.103-115.

ROCHA, Z. O desejo na Grécia Clássica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Vol.2, nº 4, p.p: 94-122, 1999.

ROSOLATO, G. A diferença dos sexos. **Pulsional: Revista de Psicanálise. Estudos freudianos**. São Paulo: Ano 21, n.3. Setembro de 2008.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro :Jorge Zahar Editor, 2003.

RUDGE, A. M. Notas sobre o discurso perverso. **Interações**, Rio de Janeiro: vol. 10, nº 20, p.p. 35-44, Julho de 2005.

SAGGASE, G. S. R. Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco, e construção de identidades no *coming out* de homens homossexuais. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero** – Corpo, violência e poder. Florianópolis, 2008. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Gustavo\\_Santa\\_Roza\\_Saggese\\_46.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Gustavo_Santa_Roza_Saggese_46.pdf). Acesso em 03 Jun. 2011.

SAMPAIO, L. C.; MATOS, M. A. F. Platão e Lacan: amor e falta. **Anais da 58ª reunião anual da SBPC**. Florianópolis, Julho de 2006. Disponível em: [http://www.sbpcnet.org.br/livro/58ra/SENIOR/RESUMOS/resumo\\_2763.html](http://www.sbpcnet.org.br/livro/58ra/SENIOR/RESUMOS/resumo_2763.html) . Acesso em 02 Jun. 2011.



SARDENBERG, C.; COSTA, A. A. Feminino, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, M. L. R.; BINGEMER, M. C. (Orgs.). **Mulher e relações de gênero**. Edições Loyola. São Paulo. 1994, p. 81-113

SILVA, H. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

SILVA, M. S.; BILA, F. P. **Travestis em Campos dos Goytacazes**: Dois tempos, duas memórias. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

TELLES, S. Tudo sobre minha mãe e nada sobre meu pai. In: TELLES, S. **O psicanalista vai ao cinema**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.103-107.

TONIETTE, M. A. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. **Revista brasileira de sexualidade humana**. São Paulo:. Volume 17, nº1, Pg. 41-52, 2006.

TUDO sobre minha mãe. Direção: Pedro Almodóvar. Produção: Augustín Almodóvar. Intérpretes: Penélope Cruz; Cecília Roth; Marisa Paredes; Antonia San Juan e outros. Roteiro: Pedro Almodóvar. 1999

VALAS, P. **Freud e a perversão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

ZAMBRANO, E. **“Nós também somos família”**. Estudos sobre parentalidade homossexual, travesti e transexual. 2008. 236f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2008.